

Parque da Redenção é opção de esporte e lazer ao ar livre



Henrique F'Inaco

Nas páginas 4 e 5
as vantagens de um
parque no centro da
cidade

3x4

Segundo Semestre de 1984
Faculdade de Biblioteconomia
e Comunicação Social —
UFRGS
Porto Alegre-RS

New
Wave:
o
des
car
tá
vel
especial



Editorial

1984 foi um péssimo ano para uma das maiores turmas de formandos em Jornalismo dos últimos tempos, sob todos os aspectos. Primeiro foram as expectativas de ver o nosso Três por Quatro ser editado no primeiro semestre de 84, o que não aconteceu devido ao óbvio que persegue a Universidade Federal: falta de verbas, falta de integração entre professores e alunos, e professores e demais órgãos da Universidade etc.

Neste ano, em que Democracia foi a palavra que mais encheu bocas no Brasil, e alguns países vizinhos, assistimos, o reitor Ferraz ser escolhido e empossado pelo MEC. Depois escolhemos a lista sêxtupla, indicando os nomes para o próximo Diretor da Fabico, que ainda terá de ser referendado e empossado.

Não há avaliação, por parte dos formandos da Comunicação da UFRGS, em que não grassem frases de ressentimento por tudo o que deixamos de fazer por culpa dos "outros".

Para nós, que peleamos muito ou pouco, tudo o que foi feito está feito, e morto. Perdemos de ganhar muito, nestes quatro anos. Nossa esperança é que as turmas que nos seguem lutem e realizem mais do que nós. Lutem e consigam. Basta.

NOVO CURRÍCULO

Bom, para nós não há mais solução a nível de faculdade. Resta apenas sair mundo afora na esperança de achar nosso espaço. Mas, para quem fica, vislumbra-se perspectivas de melhora. Ou até de mudanças absolutas. Do nada pro algo. Da inexistência de um estúdio de TV, pra um estúdio com equipamento e tudo! Da inadequação de um currículo obsoleto, à implantação de outro que apresenta disciplinas não apenas interessantes e atuais, senão também necessárias.

Parece que vamos por bom caminho. Serão contratados mais professores. A carga horária diminuirá de quatro para três. Isso a fim de evitar as famosas "matações de aula", tanto de parte dos alunos, como dos professores. Serão promovidos seminários. Pretende-se editar oito jornais por ano. A habilitação de PP terá finalmente sua agência. Enfim, as expectativas são muitas, e o clima é de otimismo.

Mas, para que todo esse cuidadoso planejamento teórico seja concretizado, precisa-se apenas de algo óbvio: verbas. O novo Reitor e toda sua equipe acolheram com entusiasmo o projeto. Esperemos que se torne realidade. Boa sorte e até...!

Um terço da população frequenta a umbanda

(João Biehl, Denise Cogo e Cláudio Monteiro)

O "Cavaleiros de São Jorge" é um exemplo de terreiro bastante embranquecido, que confirma a idéia de que a liderança vem da classe média, neste caso alta. Lá eles eliminam, de fato, quase tudo que tem a ver com a religião africana. É a umbanda adaptada ao gosto da classe superior".

Esta é a opinião de André Droogers, professor de Ciências da Religião da Faculdade de Teologia da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. Holandês de nascimento, professor da Universidade Livre de Amsterdã, ele pesquisa religiões mediúnicas no Brasil.

Droogers considera que a história da umbanda está intimamente ligada à escravidão: "Tudo começa com os 3,6 milhões de negros que trouxeram suas tradições africanas para o Brasil".

Explica que estes escravos, apesar de obrigados ao batismo, apenas aceitaram o Catolicismo na medida em que o encaixavam dentro de suas próprias tradições.

Ele entende que esta era uma maneira, muitas vezes não consciente, do negro manter sua identidade, porque se fazia impossível preservar, aqui no Brasil, as estruturas sociais da sua tribo. "A esta mistura", prossegue, "ainda se adicionaram influências das religiões indígenas e do Kardecismo, que veio da França por volta de 1860".

A partir daí, surgiu o candomblé, no final do século dezoito, com forte presença até hoje. Na metade do século dezenove, surgiu, no Rio de Janeiro, a macumba, que foi uma adaptação do candomblé à vida urbana. De sua evolução, surgiu, em 1920, a umbanda.

"A umbanda nasceu entre intelectuais que tentam formar uma nova religião juntando, conscientemente,

Kardecismo e tradições afro-brasileiras. Ela cresceu com a urbanização do Brasil", diz Droogers. Ele afirma que a estrutura de classes está bem representada no culto umbandista: "Veja que a relação patrão-empregado acha um correlativo na relação entre pai, mãe-de-santo e clientes dos terreiros".

CRESCIMENTO

Sobre o número de adeptos da umbanda, não parece haver dados concretos, já que a maioria dos umbandistas se dizem católicos. Assim, o censo populacional pouco ajuda, mesmo porque reúne todas as religiões mediúnicas na mesma categoria. Entretanto, é certo que a umbanda cresceu muito desde o seu surgimento.

"Uma revista chegou inclusive a publicar que pelo menos um terço da população brasileira frequenta a umbanda, seja semanalmente ou uma vez por ano," diz Droogers. A revista inclusive calcula que há em Curitiba cerca de 10 mil terreiros, com 100 adeptos em cada um deles. Isto dá um milhão de pessoas, o equivalente a quase toda a população da cidade. "É claro que estes números são uma projeção muito alta", afirma o professor.

Sobre o porquê deste crescimento, ele explica que há quatro correntes: "Uma, relaciona a umbanda ao exodo rural. Os migrantes deixam suas raízes, parentescos e amigos no interior e vivem agora no vácuo da cidade grande". A umbanda preenche este vácuo, criando novas relações. A própria terminologia é bastante familiar: pai, mãe, filho. Além disso, também oferece soluções imediatas a problemas como doenças, desemprego e problemas emocionais.

"Outra explicação, continua Droogers, de cunho marxista, diz que as pessoas desapropriadas dos meios de produção na esfera econômica

compensam isto na vida religiosa". Afirma, ainda, que certos sociólogos dizem que o crescimento de religiões como a umbanda é maior em sociedades reprimidas politicamente, onde todos os canais de expressão popular estão fechados. Neste caso, a umbanda reforçaria a apoliticidade da classe média brasileira.

Mas, a explicação preferida por Droogers é a de que a umbanda é um reflexo da pluralidade da sociedade brasileira. "Qualquer pessoa encontra nela algum elemento conhecido", concluiu.

LÍNGUA DO POVO

Droogers, apesar de ser cristão, vê aspectos positivos na umbanda: "Vejo como muito positiva a acolhida que as pessoas com problemas recebem nos terreiros. Elas são aceitas num ambiente onde se fala a língua do povo". Acrescenta que a marginalidade da sociedade é valorizada pela umbanda.

As principais categorias de espíritos: caboclos, crianças, escravos, índios, exu — que representa a malandragem; Pomba-Gira — que representa a prostituta; são símbolos de categorias sociais reprimidas pela sociedade". Considera também altamente positivas a participação dos leigos e a valorização do parapsicológico.

Apesar disto, não deixa de fazer críticas: "Falta à umbanda uma visão mais total da sociedade. Ela luta contra os sintomas, mas não contra as causas estruturais dos problemas". Droogers considera também que a Bíblia proíbe consultas a outros deuses. Além disso, a umbanda vê Jesus Cristo apenas como um entre muito orixás e não como Deus. Há, ainda, o fato de não haver nenhuma preocupação ecológica por parte dos umbandistas.

Expediente

Jornal laboratório dos alunos do oitavo semestre do Curso de Jornalismo Gráfico e Audiovisual da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Primeira edição do segundo semestre de 1984, elaborada pelas turmas da disciplina de Laboratório de Jornalismo Gráfico

II, sob a orientação dos professores Anibal Bendati, Luiz Carlos Vaz e Mário Rocha.

Participaram desta edição:

Jary de Castro Aranda, Lúcia Margaret Klein, Clarissa Berry Veiga, Mathias Felipe Crames, Rosane Laitano Goertert, Angela Gerst Ferreira,

Stela Maris Sulzbach, Angelis Maria de Souza, Denise Maria Cogo, João Carlos Silveira Flor, Lúcia Schetinger Ávila, Mauri Sérgio Grando, Rubens Lunge, Néelson Carneiro da Cunha Moreira, Rui Fernando Rodrigues, Marga Virgínia Medizabal Torrez, Cláudio Monteiro, Suzete Antunes e Vera Quadros.

Chefe do Departamento de Comunicação: Blásio Hickmann.

Diretora da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação: Lília Maria Vargas. Rua Jacinto Gomes, 540.

Composição, montagem e impressão: CORAG



Prédio da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação

Alunos insatisfeitos com o Fabico UFRGS

(João Carlos S. Flôr)

Desinteresse geral, péssimas condições de ensino, falta de discussão, de participação, de mobilização e união, além da falta de um jornal e na escassez de recursos financeiros para manter o curso. Estes são os principais problemas apontados pelos alunos do curso de Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

A maioria dos estudantes que entram na Fabico (Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação) estão desinformados e, por sonharem e idealizarem o curso, levam um choque, como Rejane Salvi, 23 anos, jornalista formada no ano passado. "Eu imaginava outra coisa", diz ela, "esperava um aprendizado diferente. Esperava, por exemplo, aprender um jornalismo verdadeiro, que formasse minha capacidade. Isso não aconteceu, tive que me virar sozinha, foi um verdadeiro tapa na cara". Adão Almir Roza, 21 anos, estudante da Fabico desde 1982, afirma que "não imaginava como era, eu tinha uma idéia fantasiosa, pensei que a Fabico tivesse condições técnicas e sonhava encontrar um pessoal **cabeça**, mas que decepção".

Os estudantes de comunicação estranham, quando entram, a maneira como as aulas são dadas. Rejane Salvi lembra: "A surpresa foi grande, ainda mais que eu vim do Anchieta, onde havia um aprendizado frio, metódico e calculista". "De todos os professores, diz Rejane, os que realmente me ensinaram alguma coisa foram o Ricardo, a Milena, o Wallace e o Caparoli, esses eu adoro porque me cobravam, e são poucos os que te cobram".

Os formados do primeiro semestre deste ano também criticam os professores. Para Ligia Azambuja Gomes Carneiro, 27 anos, "o único professor que me trouxe algo de positivo — quanto ao cuidado ao escrever um texto — foi o Caparelli". Cláudio Luís Carvalho Duarte, bancário, 27 anos, também opina: "como formação profissional, essa faculdade é uma piada de mau gosto. Pouca coisa melhorou aqui dentro, o nível dos professores permaneceu o mes-

mo, com algumas pequenas variações que não chegaram a mudar a imagem do corpo docente".

TRISTE REALIDADE

"A Faculdade assusta e pouco serve para ti, pra tua cabeça e pro teu profissionalismo", desabafa Rejane, "pois o curso de Jornalismo está muito distanciado da realidade; não se faz um jornal, não se discute, não se faz nada". Ligia Azambuja concorda: "Acho que a nossa faculdade deixa muito a desejar, devido a problemas (crônicos?) conhecidos por todos: falta material, faltam verbas, professores, etc...". "O ponto mais fraco do curso de jornalismo", diz Cláudio Carvalho, "é o gráfico, pois com todas as cadeiras práticas existentes, consegui ver publicado apenas um jornal, e mesmo assim fechado na marra, com muitas imperfeições".

As dificuldades da Fabico são imensas, por isso é grande o desânimo e a desilusão com o curso, conforme depoimento da Rejane Salvi: "Nos últimos semestres, os problemas da Fabico se agravaram e ainda por cima falta união; e como sempre, te conscientizam a ser estudante, isso não é bom, te dizem que a Faculdade é só um estágio a caminho da profissão, quando já devia ser o início da consciência profissional". Ela continua com o seu depoimento: "Na Fabico não tem participação, as discussões são muito bonitas e só, os alunos não participam das aulas, não cobram do professor, não o encaram de igual pra igual, os estudantes não se sentem profissionais, se sentem estudantes e abaixo dos professores".

"Esse curso é uma enrolação muito grande", diz Cláudio Carvalho, e sugere: "Com dois anos de aulas bem dadas, com um terço de cultura geral e dois terços de prática, seria mais do que suficiente para formar um bom profissional". Para Ligia Carneiro, "nesses quatro anos não percebi nenhum sintoma de melhora ou piora na Fabico". "O que mostra que ela está em crise", conclui ela.

FOTO e TV: dificuldades com soluções paliativas

(Mauri Grando)

Entra ano, sai ano. Entra semestre, sai semestre. A frase é velha e o assunto também: as cadeiras de Fotografia e as de Televisão estão com problemas. Problemas que sem as conquistas parciais, o "jeitinho brasileiro" e o esforço dos professores e dos alunos seriam bem maiores e talvez sem soluções.

A prova da conquista dos alunos e professores interessados por melhores condições de ensino está na cadeira de Fotografia. No primeiro semestre de 84, como sempre, aconteceram problemas na liberação de recursos. Com a Pró-Reitoria de Graduação declarando que só daria uma parte da verba. A outra parte, que seria o papel fotográfico, os próprios alunos teriam que pagar para o funcionamento do curso.

Segundo Gustavo Krieger Barreiro, coordenador de Comunicação do DABICO (Diretório Acadêmico de Biblioteconomia e Comunicação), "foi feita uma comissão de alunos — que se recusaram a aceitar esta decisão — com encaminhamento de abaixo-assinado e marcação de uma concentração na frente da Reitoria da UFRGS". A concentração acabou sendo desnecessária porque a verba foi liberada.

No segundo semestre, não houve maiores dificuldades pois a cadeira de Fotografia deixou de fazer parte da Faculdade de Artes para se incorporar a FABICO acabando com o jogo de empurra que existia entre as duas faculdades. Assim, o Departamento de Comunicação obteve a verba necessária.

Outra disciplina que vem tendo muitos problemas e poucas soluções na Faculdade de Comunicação é a de Técnica de TV (estágios I, II e III). Ao contrário de Fotografia, que obteve algumas conquistas, as cadeiras de TV perderam um ponto importante. Exis-

tia, há vários anos, um convênio com a Pontifícia Universidade Católica (PUC) que permitia o uso, pelos alunos da UFRGS, do estúdio de TV e do material da PUC. Por pressões de professores de outras áreas com interesse em usar o material da UFRGS — que fazia parte do convênio e que estava na PUC — e também por interesse na reativação das instalações do estúdio da Faculdade de Odontologia, a FABICO, através de sua diretoria, tomou a iniciativa de romper o acordo.

Com esse rompimento, a FABICO prometeu reequipar e deixar em condições o estúdio da Odonto para uso dos alunos de sua Faculdade. Aqui é que as coisas começaram a dificultar. Para ficar em boas condições de uso, o estúdio da Odonto precisava passar por alguns reparos: revisão de equipamento existente, reverter o sistema NTSC (americano) para o sistema PAL (alemão) — material recém adquirido — além de consertar o próprio estúdio. Isso não se consegue em pouco tempo e sem gente especializada. Agravando a situação, o técnico Irã — "quebra-galho oficial" das cadeiras de TV — se desvinculou da UFRGS porque, segundo ele, "trabalhar de graça nunca mais".

A FABICO sentiu que não poderia entregar o estúdio da Odonto a seus alunos no prazo determinado — primeiro semestre de 84 — então recorreu a PUC e pediu a prorrogação do acordo até junho do corrente. Já neste segundo semestre, os alunos estavam esperando a implantação do estúdio no próprio prédio da FABICO, na sala 304. Prometeram que as obras estariam concluídas neste semestre ainda, mas não ficaram prontas. Então, mais uma vez se recorreu a PUC, pois com o término do período letivo, eles podem ceder o estúdio. Há promessas que para março o estúdio da Fabico fique pronto...



Arquivo 3 x 4

Laboratório de Jornalismo Gráfico

Biblio desperta interesse

(Jakzam Kaiser)

No prédio da Jacinto Gomes, junto com a Comunicação Social funciona o curso de Biblioteconomia. Apesar de estarem no mesmo prédio e a Faculdade levar o nome dos dois cursos (FABICO — Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação), a realidade é que não existe praticamente nenhuma atividade ou interesse comum entre ambos.

Para os estudantes de Comunicação é difícil compreender o curso de Biblioteconomia. Alguns até consideram o curso chato e não entendem porque as pessoas se matriculam para fazê-lo. De diferente opinião é Eunice Pigozzo, estudante do 4º semestre e que trabalha no Carro Biblioteca: "O curso de Biblioteconomia é interessante. Entrei em 2ª opção e me entusiasmei com o ambiente e com o trabalho que pode ser desenvolvido". Paulo Nascimento, estudante do 3º semestre, também gosta do curso: "Eu fazia Ciências Atuariais. Pedi transferência interna e vim estudar aqui, porque na minha opinião não existe curso melhor e sei que quando me formar será mais fácil arrumar emprego, pois existe mercado de trabalho na Biblioteconomia".

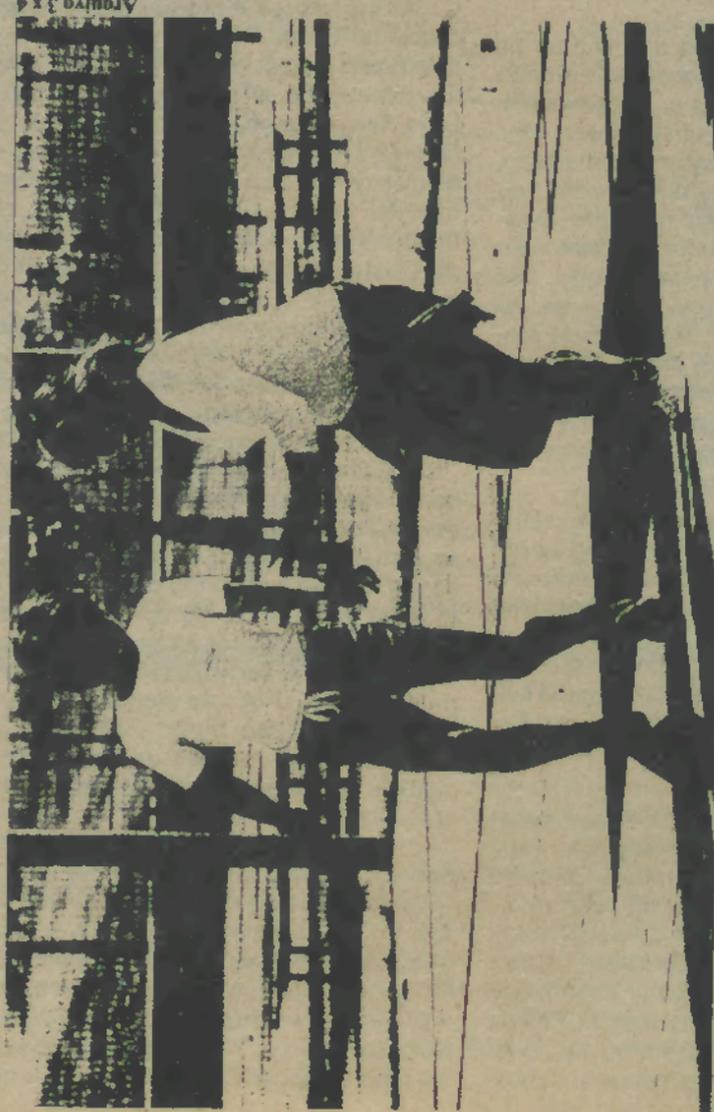
O curso é extremamente técnico. Apesar disto, não existem problemas quanto ao material para trabalho. Eunice Pigozzo afirma que "tudo o que é solicitado é atendido e, como não é necessária aparelhagem técnica, a Biblioteca-Laboratório é boa e o Carro-biblioteca dá os meios para a pesquisa, o curso não tem problemas maiores". Mas, apesar de não existir

problemas com o material, existem problemas com os professores. Nicéia Bastos, 8º semestre, é quem analisa o problema: "Existem alguns professores que se consideram donos das cadeiras. Eles dão o que querem e não respeitam programa. No segundo semestre de 1983, a professora de Catalogação deu a mesma matéria para os 6º, 7º e 8º níveis. Agora que eu estou no 8º semestre, ela não tem mais o que dar". Eunice Pigozzo concorda que este problema com os professores existe, e que muitas vezes são cobrados trabalhos sem que os meios para serem feitos sejam dados. Mas afirma que são isolados e que, em sua maioria, são resolvidos dentro da sala de aula.

Sobre a discriminação entre alunos dos cursos de Comunicação e Biblioteconomia, Nicéia Bastos diz que "é a Biblio que discrimina. O problema é que foi formado o protótipo do estudante de Biblioteconomia pelos alunos de Comunicação, e vice-versa". Já Paulo Nascimento diz que a área de Comunicação "é mais atuante e dinâmica, e o pessoal se preocupa em discutir mais as questões. A Biblioteconomia é um curso muito técnico e provoca a acomodação e despolitização das pessoas". Segundo Eunice Pigozzo, "a não participação dos alunos nas atividades da faculdade acontece porque o curso de Biblioteconomia é muito fechado. Porém, se forem abertos canais de participação, se for dada motivação para os alunos da Biblio, certamente eles participarão".

Redenção é o ginásio esportivo do Bom Fim

A Redenção, durante o dia, é utilizada para a prática de esportes, passeios e compras. À noite é temida e evitada



(Lúcia Margaret Klein)

Com o esporte sendo cada vez mais divulgado pelos meios de comunicação social e com a criação de academias, tem sido grande o número de pessoas que procura esta atividade como forma de amenizar a tensão do dia-a-dia e fugir da rotina. Dentre todas as opções de esporte e culto ao corpo a mais cultivada é o cooper. Para esta prática são muito utilizados os parques arborizados. O parque Farroupilha é um dos locais da cidade que mais recebe desportistas, principalmente nos fins de semana.

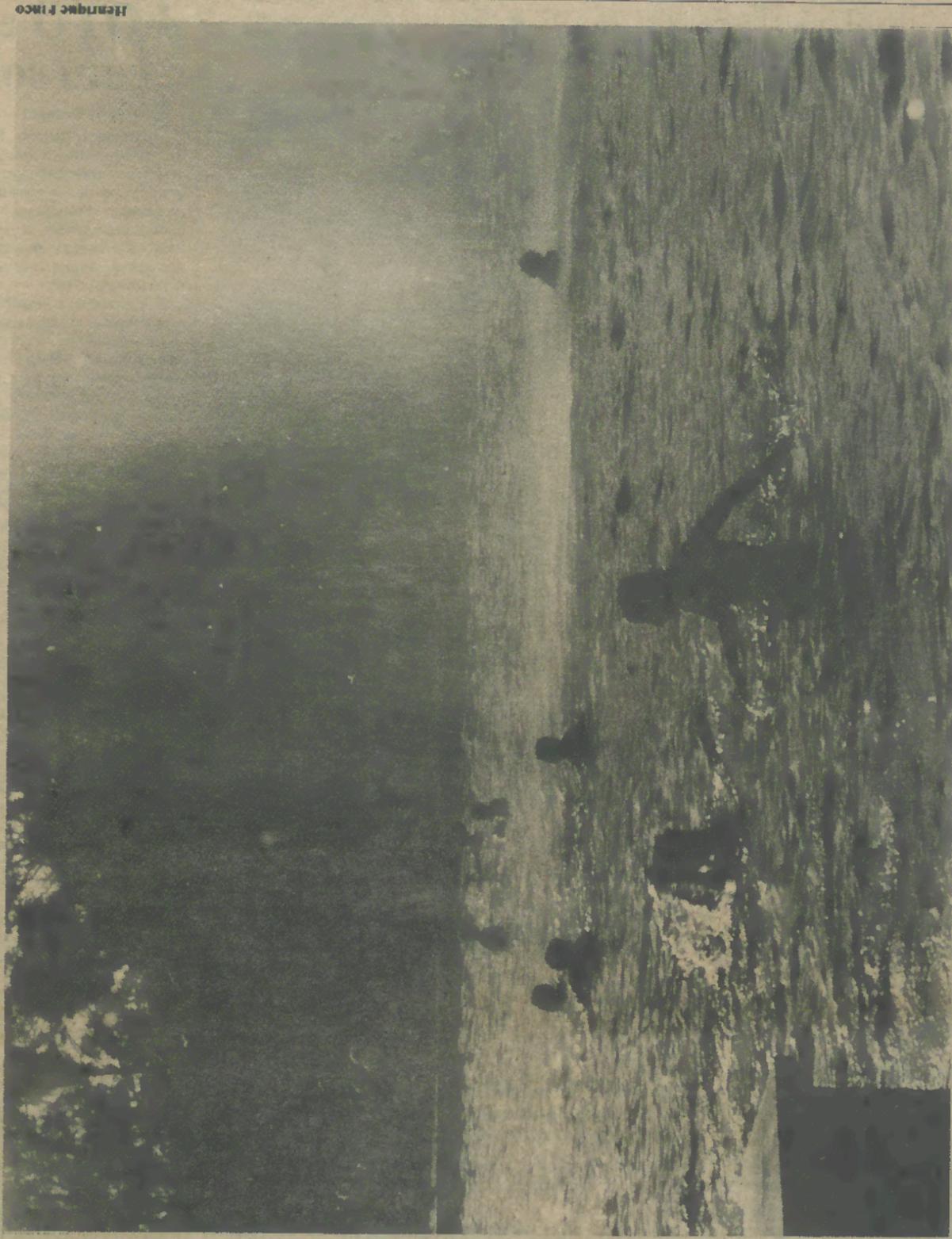
Pessoas de todas as idades fazem coobet para manter a forma e porque é

Para manter a forma no Parque da Redenção muitos esportes são praticados, do futebol à natação da gurizada

por onde passar. Um de meus favoritos é o contorno do lago, mas há muitos cantinhos especiais neste parque. "Maria Cristina faz sua corrida somente nos dias de semana "evitando a confusão dos sábados e domingos".

OUTRAS OPÇÕES

Mas é aos sábados que a Redenção torna-se um grande ginásio de esportes com pessoas vindas de vários locais da ci-



Henrique Finco

Mercado de Pulgas completa seis anos

(Angelis Maria de Souza)

As pessoas que gostam de coisas antigas, ou mais ou menos antigas, têm um

de objetos negociados pelos expositores. Entre as peças raras que já foram comer-

UFRGS desenvolve novo tipo de reator

(Henrique Finco)

O Departamento de Engenharia Nuclear da Universidade Federal do Rio Grande do Sul está desenvolvendo um Reator Nuclear tão simples, barato e seguro que poderá transformar todos os outros em não mais que perigosa sucata. Enquanto um reator semelhante aos da Usina de Angra dos Reis, por exemplo, ocupa um prédio de dez ande-

uma prática que dispensa o vínculo com algum clube ou o pagamento de academias. As atividades na Redenção iniciam-se por volta das seis horas da manhã, quando predominam os corredores de mais idade. O Sr. Armando Schneider costuma "acordar cedo e pegar o primeiro sol da manhã. É o período mais saudável e menos poluído para a corrida". Armando, com 63 anos, começou a fazer seu cooper há mais ou menos três anos, logo que se aposentou. "Faço minha corrida matinal por orientação do médico. Corro 20 minutos por dia e depois faço um pouco de ginástica. Costuma correr sozinho, o que não acontece com Waldemar Kruel, que, com 67 anos de idade faz seu cooper sempre com dois ou três amigos do parque "para ter companhia".

Mas o pessoal mais jovem também utiliza o parque para sua corrida normalmente após o horário de serviço. Fernando Gonzales, 27 anos, é bancário e costuma correr três vezes por semana: segundas, quartas e sextas após seu expediente. Fernando utiliza a pista de cooper de 2 mil metros que existe no parque. Gosta "de controlar o tempo e a distância percorrida para manter uma marca razoável".

Além da pista de cooper, existe na Redenção mais duas pistas aeróbicas de 400 e 800 metros. A preferência, no entanto é a corrida por entre as árvores, sem um caminho pré-determinado. Segundo Maria Cristina Andrade, 23 anos, estudante universitária, "correndo sem rumo certo dentro do parque, a gente tem a liberdade de escolher lugares agradáveis



O Parque tem até um minizoo. Mas as visitas noturnas devem ser evitadas

idade para fazer seus exercícios. O parque conta com o estádio Ramiro Souto para atletismo onde a pista de corrida é pouco utilizada e as canchas para saltos e arremessos estão praticamente em abandono. Segundo Adroaldo Rocha, 45 anos, "houve uma invasão de futebol no estádio de atletismo o que não permite que as pessoas utilizem as canchas de saltos para treinamento". Adroaldo é frequentador antigo. Quase todos os sábados de sol vai à Redenção para "respirar ar puro e assistir a uma partida".

Ao redor do Ramiro Souto existem canchas de basquete, vôlei, futebol de salão, bocha, além de aparelhos para ginástica e musculação. "Nos fins de semana é difícil conseguir uma vaga nestas canchas", comenta Francisco Junior, 15 anos e estudante do segundo grau. Mas o esporte de equipe que mais se pratica na Redenção é o futebol. Basta um caminho livre para que logo sejam colocadas traves improvisadas com paralelepípedos ou o que houver disponível, e o futebol começa.

Outros tipos de esporte que se pratica na Redenção são de grupos pequenos como a bocha, artes marciais e eventuais pressões que se dedicam a ginástica estética e à capoeira. O grupo das artes marciais é pequeno e dá seu espetáculo no gramado situado ao lado do chafariz. O ciclismo também é praticado no parque mais como recreação do que propriamente como esporte. Pessoas de todas as idades andam de bicicleta pelo parque e quem não tem a sua pode alugar uma junto ao lago dos pedalinhos.



Arquivo 3 x 4

encontro marcado todos os domingos, das 9h às 14h, na avenida José Bonifácio, onde funciona o Brique da Redenção. Lá são comercializados os mais diversos tipos de objetos, que possuem como característica comum o valor histórico e cultural.

O Brique iniciou suas atividades em 1978. O prefeito de Porto Alegre, na época, Guilherme Socias Villela, esteve visitando a Feira de San Telmo, na Argentina, e trouxe a idéia para cá. Uma comissão formada pela jornalista Célia Ribeiro, o marchand de arte Fábio Coutinho e o secretário municipal da Indústria e Comércio, na ocasião, Mano José, entre outros, foi encarregada de criar a feira.

Foram feitas chamadas através dos meios de comunicação convocando as pessoas interessadas em participar. A idéia inicial era fazer apenas um domingo, quando participaram 24 expositores, mas a feira continua até hoje, contando com 85 bancas.

O coordenador geral do Brique da Redenção, Mário Pansera, acha que a sua característica mudou bastante: "No início, éramos uma feira de antiguidades. Agora somos um mercado de pulgas na verdadeira concepção da idéia, onde pode-se encontrar de tudo, pelos mais variados preços. Desde selos, moedas, e vidrarias, até jóias em ouro, diamantes e relógios".

O público também é bastante diversificado. Desde a família tradicional até os separados, os descomprometidos, jovens, velhos e crianças. Tem os malucos, os lunáticos e o pessoal de teatro, que vai caracterizado divulgar o seu trabalho. Todo o tipo de gente pode ser encontrado no brique, que, como diz Mário Pansera, é um espaço aberto e maleável onde as pessoas se sentem bem e com possibilidades de dar vazão até as suas maluquices.

PEÇAS RARAS

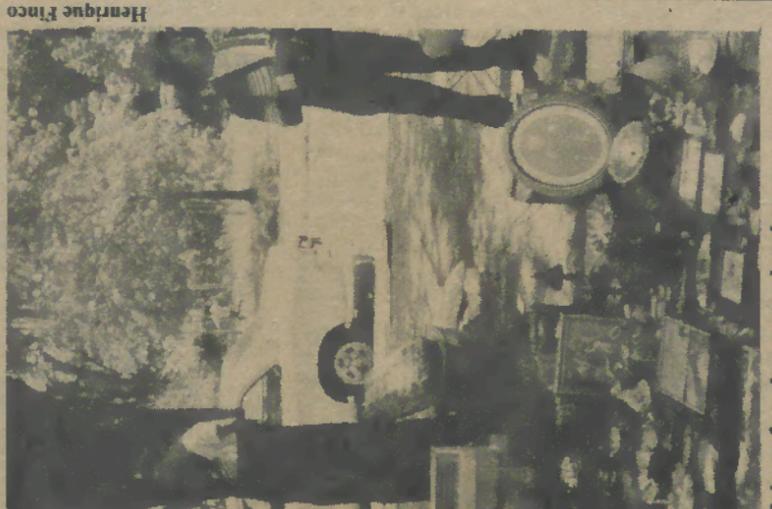
A feira, é procurada por colecionadores, donos de lojas e, inclusive, por pessoas de outras capitais, como Rio, São Paulo e Belo Horizonte, em busca de peças raras. Mas tem também aqueles que procuram a feira para se desfazer de objetos que pertenceram a seus antepassados. "Nesse tempo de aperto, muita gente se desfaz de suas coisas", diz Mário Pansera. Segundo ele, o importante é que essas peças passem para as mãos de pessoas que continuem a sua preservação.

Seria impossível calcular o número

cializadas, o coordenador lembra um mapa de Porto Alegre de 1820 e a ponta de uma baloneta da Revolução Farroupilha. Atualmente, um senhor tem para vender a primeira moeda cunhada no Brasil, por volta de 1600.

Muita gente vive do comércio de antiguidades. Segundo Mário Pansera, cerca de 300 famílias estão vinculadas a esta atividade. Muitos colegas seus atendem em casa durante a semana: "No domingo nós temos a oportunidade de expor o material e fazer novos clientes". Para participar da feira, o candidato tem que fazer sua inscrição na Secretaria Municipal de Indústria e Comércio. Depois de preenchida a parte burocrática, o expositor passa por um período de experiência, após o qual será aprovado ou não por seus colegas, que levam em conta, entre outras coisas, o seu relacionamento com o público.

No dia 25 de março, o Mercado de Pulgas de Porto Alegre, que foi a primeira feira de gêneros no país, completou seis anos de atividades. Para comemorar a data, os expositores usaram trajes de época. "Em eventos especiais, nós viemos caracterizados. Esta é uma forma de dar maior grandeza ao evento e chamar a atenção do público", explica Mário Pansera. A festa contou com a participação da Banda Municipal, do grupo chileno de música latino-americana Vertientes e uma exposição de carros antigos, além da presença de um fotógrafo lambe-lambe.



Brique funciona aos domingos

res, este não necessita de um espaço maior do que o de uma sala de visitas. Racionalizar a tal ponto o uso do espaço, é uma decorrência de sua concepção revolucionária; pequenas esferas de combustível nuclear ficam circulando em uma câmara fechada - como nas máquinas de pipoca, com a diferença de utilizar água ao invés de ar. Em Engenharia, dá-se a isto o nome de "Leito Fluidizado". Ou seja: o "leito" do combustível nuclear é o próprio fluxo de água. Como vantagem adicional, o leito de água também serve para manter a temperatura de reação em níveis aceitáveis.

Exilado do Irã, e Phd em Física Nuclear, o dr. Farhang Sevidvash, idealizador e responsável pelo projeto, explica que "os reatores tradicionais, mesmo quando desativados, estão potencialmente supercríticos" ou seja, estão sempre a ponto de iniciarem uma reação nuclear incontrolável. Por isto exigem sofisticados controles, que nunca são 100% confiáveis, além de pesados edifícios de contenção para o caso de algum imprevisto. "No reator que estamos desenvolvendo", esclarece Sevidvash, "nada disto é necessário. Enquanto os reatores comuns exigem esforço para pararem, este nosso precisa de esforço para começar a funcionar". No caso de algum mecanismo entrar em pane, as esferas de combustível precipitam-se ao fundo da câmara, formando uma massa subcrítica inofensiva e o reator pára instantaneamente, com toda segurança.

Este reator, constituído por pequenos módulos, pode ser expandido conforme a demanda de energia, e sua utilização será possível mesmo dentro das cidades, tal sua segurança.

Há vagas em jornais do interior

(Claudio Monteiro)

"Existem 20 vagas para jornalistas no interior do Estado que podem ser preenchidas imediatamente, porém os interessados não respeitam as leis que garantem cinco horas de trabalho e o salário-base da categoria". A afirmação é do jornalista Luiz Pauletti, secretário-geral da Associação dos Jornais do Interior em palestras a estudantes de jornalismo da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS. Na mesma oportunidade, depois de traçar um quadro geral da entidade, declarou também que os jornais do interior estão indo muito bem.

"A ADJORI tem hoje 118 associados, representando 98 por cento dos jornais do interior", afirmou. Disse ainda que o estado possui mais jornais off-set no interior do que em todo o resto do Brasil. Isto, segundo Pauletti, é o resultado do pioneirismo da ADJORI com o trabalho de jornais off-set no país.

Para ele, a boa situação dos jornais do interior se deve à conscientização dos diretores de que jornal é um negócio como outro qualquer: "Jornal é comércio, indústria e, acima de tudo, prestação de serviços". Acrescentou ainda que um jornal será mais ou menos procurado em função dos serviços que prestar à sua comunidade. "Somente o jornal local tem condições de dar detalhes dos fatos que ocorrem em uma cidade do interior", afirmou.

CIRCULAÇÃO

Pauletti disse que a grande preocupação da entidade nos últimos dois anos foi a circulação.

Este ano, durante o congresso anual realizado no mês de setembro, em Caxias do Sul, o tema foi informática. "Não que se pretenda usar computador nos jornais do interior, mas os jornalistas têm que estar bem informados sobre o que está acontecendo", explicou.

Mas, há falta de jornalistas habilitados no interior. "Hoje, afirma Pauletti, há necessidade de pelo menos 20 jornalistas no interior". Ele considera que muitos jornais ainda são feitos empiricamente, mas que esta situação está sendo modificada: "A tendência do mercado é se profissionalizar cada vez mais". Isto não significa que haja condições normais de trabalho, pois não existe jornada de cinco horas nem divisão de tarefas.

No entanto, Pauletti considera que o fato do jornalista no interior ter que fazer "de tudo um pouco" acaba sendo gratificante: "O jornalista se sente recompensado por estar prestando um serviço à comunidade". Além disso, também acaba conseguindo respeito e admiração por seu trabalho.



3x4

ESPECIAL

Nosso apocalíptico "1984" se gerou em meio aos casuísmos dos "Grandes Irmãos" Reagan e Maluf.

Nada mais aprazível do que digeri-los com um recheio cítrico, adornado com um tropicalismo tupiniquim, ao som de um rígido bailado lá no B-52.

Altas produções, todo mundo pirol...

Mas, de fato há pouco de novo neste modismo **new wave** que acabou dando um ar alienadamente mais descontraído a este

país sem face, largado às traças nos cárceres das Indiretas, dos Colégios, da dívida externa, do genocídio nordestino...

Nossa turma de Laboratório de Jornalismo Gráfico deu uma olhadela mais de perto nesta "nova onda" que muitos acertadamente definem como sendo o "punk comercializado".

Pois trazemos a vocês neste suplemento um pouco da cor, do som, do bailado deste descartável **new wave**, que a despeito de críticas de intelectuais e de malufistas que ouvimos, foi negócio rentável para poucos e alegria temporária para tantos...



A gurizada medonha que laborou neste encarte cheio de chinfra: Jakzan Kaiser, João Guilherme Biehl, Raquel Stenzel, Rosane Lazzaretti e Sônia Maluf, sob o jugo dos massas Aníbal Bendati e Mário Rocha

Reator Nuclear tão simples, barato e seguro que poderá transformar todos os outros em não mais que pingosa suca. Enquanto um reator semelhante aos da Usina de Angra dos Reis, por exemplo, ocupa um prédio de dez andares.

de objetos negociados pelos expositores. Entre as peças raras que já foram comer-

As pessoas que gostam de coisas antigas, ou mais ou menos antigas, têm um

mas e aos sábados que a redenção torna-se um grande ginásio de esportes com pessoas vindas de vários locais da ci-

Pessoas de todas as idades fazem cóber para manter a forma e porque é

II P de punk podre dá lugar à moda clean

No dia 14 de janeiro de 78, em São Francisco, Califórnia, a banda inglesa **Sex Pistols** apresentava-se pela última vez junta, para um público de 5.500 pessoas. O fim daquela que foi a primeira banda **punk**, formada em 75, prenunciava o início da decadência do próprio movimento.

O punk foi a forma que uma parte da juventude européia, principalmente na Inglaterra, encontrou para expressar sua revolta e descontentamento em relação ao que era a realidade de violência, destruição, guerra e desemprego, podridão, sujeira e decadência, o "lixo" ocidental daquela segunda década dos anos 70. Eles expressaram essa revolta através da música — o rock não-comportado — as roupas pretas e agressivas, manchadas, rasgadas, com símbolos, alfinetes e correntes pendurados, os cabelos quase raspados ou cortados ao estilo moicano, coloridos com cores fortes e chocantes, o comportamento agressivo, rebelde e de afronta.

O **punk**, principalmente a partir do final dos 70, dá origem a inúmeros outros movimentos, bandas, grupos de convivência, estilos diferentes, cada qual com suas características próprias e seguindo os caminhos mais diversos. Tudo o que aparece nesse momento como novo e moderno passa a ser chamado **new wave** — nova onda — e também as bandas que passam a ceder às pressões e a se vender para as gravadoras são chamadas pejorativamente de **new wave**.

Seria uma resposta ao **punk**, ou seja, ao invés do violento, do agressivo, do comportamento que chocava e acabava com tudo, uma nova moda, limpa, molhada, **clean**, bem-comportada. Daí a se tornar objeto de venda e consumo a distância foi curta e fácil.

De Londres a Porto Alegre

Aqui, o **new wave** explodiu em 84, ou seja, cinco anos depois que era febre na Europa e Estados Unidos. A nova onda pega rápido e já vem empacotada direto da fábrica; as roupas lembram a psicodelia dos anos 60, com todo o seu colorido, e são compradas em lojas e boutiques a altos preços. A mania dos **punks** de comprar roupas velhas e usadas, rasgá-las e incrementá-las, é substituída agora pelo hábito de adquirir roupas já com o rasgão industrializado e cerzido.

É o novo descartável, que exige muita grana para ser consumido. Como as cores usadas saturam muito rápido, as roupas são usadas duas ou três vezes e jogadas fora.

E quem põe todo esse dinheiro em cima? Cada vez mais arrojada pela crise, a classe média vem sofrendo um profundo processo de proletarianização nos últimos anos. Ela já não pode aplicar sua renda nos chamados bens duráveis, como chegou a fazer nos anos do "milagre", ou antes, comprando casa própria, carros, fazendo viagens etc. Achatada cada vez mais, desesperadamente ela busca manter seu **status quo**, se diferenciar, e põe toda a sua grana em panos coloridos, óculos espelhados, cabelo assim ou assado, perfumes importados.

Para a **new wave**, o que importa é a produção visual, o hoje, atingir o êxtase agora. É o auge do consumismo — o paraíso da classe média. Assim, apesar de ter suas origens no **punk**, a **new wave** não é um movimento, muito menos rebelde. Pelo contrário, é uma moda bem-comportada que não agride ninguém. A única coerência que possui é a lógica do consumismo. E isso se reflete num tipo de comportamento que prefere o ultra-superficial, as expressões e o modo de ser totalmente produzido, a linguagem pobre e resumida de quem não tem mesmo muita coisa pra dizer.

A Língua da Tribo

Gurizada Medonha — Designação usada para definir, entre a juventude, o pessoal que agita.
Produção — Escolha de roupas, penteado etc., que as pessoas fazem quando se preparam para algum programa.
Brilho — Cocaína. Tudo que é ligado ao estado de excitação produzido pela droga.
Pirol — Louco, chapado, drogado.
Joiúra — Pejorativo de jóia. Típico programa careta e nada a ver.
Bater bolão — Fazer a social. Galhofa. Mostrar algo que não sente ou querer provar algo que não é. Atividade para passar tempo.
Esperito — Usado na exata significação da palavra.
Fritar — Agitar, ir para as festas. Namorar.
Amplexo — No dicionário, abraço. Usado talvez pelo som da palavra. Aquele amplexo, por exemplo, é usado para dizer que determinada situação teve algo de especial.
Luxo — Especial, bonito, bom, perfeito. Usado pelos gays.
Tirixa — Fissura. Falta de qualquer coisa há muito tempo. Vontade insatisfeita.
Leva livre — Sem preocupação.

Limpo e liberado — Definição de situação ou pessoa que se quer dizer que não tem problema.
Rasgar seda — Entregar o jogo. Deixar alguém perceber o verdadeiro de determinada situação. Dar bandeira.
Massa — Designação para definir alguma coisa boa, especial.
Gatinha, ninfeta, oncinha — Elas para eles.
Racha — Elas para "eles". Pejorativo.
Pera, trincha, fruta — Gays.
Chinfrá — Pose. Detalhe que aumenta o élan. Charme.
Podre, pútrido — Os punks, os metaleiros, os alternativos.
Chapado — Sob efeito de macanha, drogado.
Seção drogas — Define a situação e a hora de se fumar "um" etc.
Boçal — Estúpido, abobado, trouxa.
Ligação — Estar ligado, antenado. Com a sensibilidade ampliada.
Morruga — É o cara que tá superchapado.
Negrão — É um loirinho que anda na Fernando Machado.
Dar uma dura — Mijada, chamar a atenção, crítica.



Moda-sorvete: colorida, digerível e supérflua

Punk, Gledson, Peladilha, Sem nome, Griffes, Kizzi, Small, Sun Country, Firenzo, Fior bi Pelle, Tropical Brasil, Triton, Alcachofra. Estes são os nomes de um universo de muita produção, consumo e cor.

Calças tigradas, malhas. Blusas soltas no corpo. Óculos escuros. Brincos geométricos coloridos. Camisas e camisetas verde-limão, amarelo, lilás. Cor, muita cor. Este é o universo do consumo **new wave**, que invadiu as danceterias, os bares, as salas de aula e as ruas.

Quanto custa e onde se encontram os modelos que fazem garotos e garotas andarem superproduzidos? Em princípio, em qualquer loja que vende moda jovem. Mas se você não quiser uma roupa feita em série, ou preferir um modelo exclusivo, certamente você terá que procurar uma boutique que trabalhe com **griffes** que estejam lançando moda **new wave**.

No Porão (Andradas, 177), por exemplo, encontram-se à venda modelos das etiquetas Gledson, Tropical Brasil, Triton e Alcachofra. Apesar de ser uma loja mais tradicional do que propriamente de vanguarda, segundo diz a gatíssima Claudine Cupha, vendedora, podem ser encontradas cami-

setinhas coloridas (curtas, até o umbigo) pelo preço mínimo de Cr\$ 20.000, minissaias a Cr\$ 25.000, calças (tigradas, coloridas etc.) por Cr\$ 70.000 em diante, vestidos de Cr\$ 20.000 a Cr\$ 80.000, ou ainda macacões de nylon amassado por Cr\$ 82.000.

Já na Von Von (Oswaldo Aranha esquina Ramiro Barcelos), encontra-se calças de popeline por Cr\$ 49.000 e, segundo diz Cláudia Carvalho (simpática e tímida), secretária, "o jeans continua sendo a roupa mais procurada", o que confirma a informação de Claudine, que situa ainda a faixa etária de quem compra roupas **new wave** no Porão: "A média de idade fica entre 18 e 20 anos, mas tem brotinhos de 14 senhoras que também compram aqui".

Mas não é só pelas roupas coloridas que se reconhece um **new wave**. Existe uma variedade de acessórios indispensáveis na indumentária: o cinto emborrachado ou de acrílico, colorido; os botões; as bolsas de nylon de cores cítricas; os brinco, e o ponchete, pequena bolsa usada na cintura. Os preços variam. Na Von Von encontra-se cintos de borracha por Cr\$ 15.000. Já na Pituch (Felipe Camarão) o cinto mais barato, de acrílico, custa Cr\$ 24.000, enquanto na Gitane (ao lado da Pituch) variam de Cr\$ 5.000 a Cr\$ 12.000.

Porém, variações à parte, os preços destes artigos são os seguintes: botões, Cr\$ 1.000; brinco, de Cr\$

2.000 a Cr\$ 6.000; bolsas, de Cr\$ 14.000 a 30.000, e, ponchete, Cr\$ 10.000.

Previsões

Quanto tempo dura ainda a moda **new wave**? Como ideologia da produção e do consumo desenfreado, ninguém sabe. Mas uma coisa é certa, como diz a oncinha Gisele Lunardi, da Pituch: "Este é o último ano das cores cítricas. Ninguém agüenta mais olhar. A preferência das pessoas está indo para as cores vivas, porém naturais". Já Claudine, do Porão, diz que as pessoas estão preferindo cores neutras, como o branco. E na Gitane, o César diz que "as cores cítricas estão nos últimos dias. A tendência agora é pra cor pastel".

Mas, independente dos rumos que a moda tomar, as lojas continuarão com seus lançamentos. O Butikão, por exemplo, poderá trocar o som dos rocks **new wave** por outros tipos de música, suas vendedoras poderão mudar suas roupas coloridas de hoje, seus cortes de cabelo, sua vitrine. Mas uma coisa é certa. Estará sempre no mesmo lugar, com sua cabine telefônica, com sua árvore no meio da loja, esperando garotos e garotas que lá irão comprar as roupas que irão para as festas, bares ou passeios pela noite.

Obs.: Os dados sobre preços e tendências da moda foram coletados na primeira semana de novembro.



Griffes e Griffes

Tudo começou na hora do chá

Depois da minha primeira noite de 84, com Nina Hagen, Devo e B-52s a toda, me senti completamente dolorida. Meus músculos não conseguiam exercer suas funções. Também, coitados, acostumados ao doce balanço do **reggae** jamaicano, ao frevo alucinado do Moraes e aos irresistíveis rocks dos Rolling Stones, o som e a dança **new wave** não podiam agradar. Com o tempo, tudo voltou à normalidade e eu assumi a moda até os fios de cabelo (ver foto do expediente).

Definir música **new wave** é uma tarefa difícil, quase impossível. Para falar a verdade, só comecei a ter contato com esta expressão no começo deste profético 1984. Durante todo o ano este tipo de som e visual nos acompanhou nas festas, nas rádios, nos bailes, nos cabelereiros, lojas e em todos os cantos. Queiramos ou não, tudo isso foi chegando a nós, quase que nos obrigando a assumir certas posturas. Por exemplo, nas festas falar em frevo se tornou um "pecado". Para dançar nada mais natural que enrijecer os músculos, não tirar os pés do chão e mover freneticamente a cabeça.

Acontece que a "coisa" chegou, vendeu e já está indo embora e a gente mal teve tempo de pensar, analisar e definir exatamente o fenômeno. Na verdade esta onda não é nova como se diz. Começou em Londres lá por 1976. Nesta época surgiu um som-movimento diferente, chocante e agressivo no sentido literal das palavras. Eram os **punks** chegando. Eles se apresentavam em pequenos lugares, conseguiam muitos adeptos e iam fazendo História. Além dos grupos, bem representados pelo **Sex Pistols** (precursor) e o **The Clash**, iam aparecendo as gangs. O visual era aquele pretume todo: roupas velhas, jaquetas de couro e coturnos. O som **punk** veio para reviver o rock contestador e inovador, mas isto não era tudo. Segundo Johnny Rotten, integrante do **Sex Pistols**, eles não estavam interessados em música e sim, em caos.

O movimento **punk** cresceu e de repente a imprensa só falava no assunto e as grandes gravadoras entraram na onda. Nos bem comportados lares ingleses, os **punks** chegavam através de um programa de televisão no dia primeiro de dezembro de 1976, mais exatamente às 5 da tarde, hora do chá. Foi uma verdadeira explosão, ou melhor, implosão. Os jornais fizeram uma cobertura completa, dando detalhes do acontecimento e de suas conseqüências, que não foram boas. A imagem que os **punks** passaram foi bem agressiva, violenta. **Punk** começava a ser sinônimo de vandalismo e má reputação. O fogo começava a pegar.

Nos últimos meses de 1977, depois do grande sucesso, do fim dos **Sex Pistols**, de toda campanha antipunk, o movimento meio que morreu. A imprensa musical começou a tratar a "coisa" de maneira diferente, rotulando tudo de **new wave**. O velho e famoso sistema capitalista deu a volta por cima, pintou de outras cores e sons e lançou no mercado algo mais digerível. Tudo que era lançado de novo era gato do mesmo saco. Foram rotulados de **new wave**, **The Police**, **Joe Jackson**, **Elvis Costello**, **Ultravox**, **The Pretenders**, **Devo**, **Talking Heads**, **Blondie**, **B-52s** e até alguns grupos **punks** que vestiam a nova roupagem. São eles **Generation X**, **The Adverts** e **The Damned**.

Em 1981 as coisas começaram a se definir. Na velha Londres acontece a Guerra dos Estilos. Aparecem mais bandas, todas com estilo próprio e com o propósito de não derrubar o sistema mas de usar o sistema para derrubar o marasmo que é a música norte-americana contemporânea, segundo analisa o escritor Antônio Bivar.

A Guerra dos Estilos, como um bom negócio que foi, não ficou restrita ao solo inglês. Os estilos foram exportados para o resto do mundo, via Estados Unidos. Como colônia, o Brasil também encarou esta, só que as coisas chegaram aqui mais embolsadas ainda. Se você for a uma loja de discos em Porto Alegre encontrará na seção **new wave** nomes como **B-52s**, **Blondie**, **Devo**, a incrível **Nina Hagen**, **Duran Duran**, **Gang of Four**, **The Clash**, **The Damned**, **Men At Work**, o excelente **The Police** com o gatíssimo Sting no baixo e vocal, **Re-Flex**, **Roxy Music**, o andrógino Boy George, o ex-Genesis **Peter Gabriel**, o **Stray Cats**, **The Pretenders**, que tem à frente a guitarrista e cantora Chrissie, e até o camaleônico **David Bowie**, com todos os seus sons e personagens. Como podemos notar, é muito difícil saber quem é quem nessa salada de frutas chamada **new wave**.

Brazil new wave

Nós, os tupiniquins, também produzimos música **punk** e **new wave**. Aparentemente, estas duas correntes começaram juntas, mas na verdade a história não foi bem assim. Em 1978, quando o movimento **punk** caía no esquecimento nos países ricos, São Paulo, a nossa megalópole, com toda a sua agressividade, injustiça e desigualdade, começava a "fabricar" as primeiras gangs **punks**. Estas eram formadas de desempregados, subempregados, gente pobre e oprimida, que se utilizaram do **punk** como meio de protesto. Em 1982, quando a imprensa voltou a falar em **punk**, já existiam em São Paulo mais de 20 bandas que se apresentavam regularmente. Algumas delas: **Inocentes**, **Desequilíbrio**, **Estado de Coma**, **Lixomania**, **Ratos do Porão** e **Repressão**. Questionados sobre a mensagem do movimento eles responderam com um manifesto: "O **punk** surgiu numa época de crise e desemprego, e com tal força, que logo espalhou-se pelo mundo. É que cada um, a partir de sua realidade, adotou o protesto **punk**, externação de um sentimento de descontentamento que já existia atavesado na garganta de uma certa ala jovem, das classes menos privilegiadas do mundo".

Paradoxalmente, na mesma época, 1978, na nossa capital federal, em meio aos poderes, os filhos de pais

ricos também começaram a quebrar preconceitos, barreiras e partir para um rock bem punk. Influenciados por grupos como **Sex Pistols**, **The Damned**, **The Clash**, **U2** e **Gang of Four**, os brasileiros se reuniram e expressaram sua revolta em bandas tipo **Aborto Elétrico**, **Capital Inicial**, **Legião Urbana** e **Plebe Rude**. Salvador e Rio de Janeiro também deram seus frutos. O Camisa de Vênus, baiano, é um grupo **punk** que comprou briga com toda a MPB, principalmente com os seus conterrâneos. Fitinhas do Bonfim deram lugar a grossas, espinhentas e pretas pulseiras. Clemente, integrante da banda paulista **Inocentes**, declarou: "Nós estamos aqui para revolucionar a música popular brasileira, para pintar de negro a asa branca, atrasar o trem das onze, pisar sobre as flores de Geraldo Vandré e fazer da Amélia uma mulher qualquer".

E o nosso **new wave** aonde fica nesta história toda? Acontece o seguinte: em 1982 as gravadoras resolveram investir no rock. Novos grupos, de todas as partes, começaram a surgir. Assim como na Inglaterra, tudo o que apareceu de novo foi batizado de **new wave**. Eram os chamados filhos da Rita Lee que, utilizando bastante os recursos visuais, falando nas letras de coisas do cotidiano, de problemas urbanos, foram ocupando espaços.

O primeiro grupo que apareceu com força total foi a **Blitz**. Formado de pessoas jovens, algumas ligadas ao teatro, inovou em termos de linguagem. Colocou na roda histórias tipo "você não soube me amar", onde batatas fritas substituíram o luar e os olhos cheios d'água, enfim, todo o lirismo da música popular brasileira. Segundo Arrigo Barnabé, expoente da vanguarda musical brasileira, este tipo de linguagem apresentada pela **Blitz** é apenas uma diluição daquilo que ele havia criado no disco **Clara Crocodilo**.

Depois da **Blitz**, vários grupos surgiram, cada um com a sua roupagem e o seu som. Fica mais uma vez difícil dizer quem é **new wave** nessa geléia geral. Alguns nomes podemos citar sem muito compromisso: **Barão Vermelho**, surgido na zona sul carioca e apadrinhado por Caetano Veloso, faz um trabalho muito bom; **Paralamas do Sucesso**, grupo de Brasília formado por Hebert Viana, Bi Ribeiro e João Barone, que se apresentou recentemente em Porto Alegre com grande sucesso; **Ultraje a Rigor**, de São Paulo, que fez um humor incrível com coisas tipo "Eu me Amo" e "Inútil". Há mais: **Kid Abelha**; **Gang 90**, liderada pelo falecido Júlio Barroso; **Titãs**, que faz um rock'n roll; **Rádio Táxi**; o último romântico, **Lulu Santos**; o inglês; o **Lobão**, que ajudou a formar a banda **Blitz**; o **Léo Jaime**, que adora fazer versões, quase sempre pornográficas; o grupo feminino **Sempre Livre** e muitos outros. Quem parte e quem fica nessa história toda a gente não sabe. É esperar para ver. Mas tem uma coisa: não são todos que passarão na peneira. Tem muita porcaria que entrou na onda e está aproveitando a maré alta (\$!).

E nós, gaúchos, como ficamos nessa história? Muito bem. Aqui ainda é mais difícil dividir os **punks** dos **new wave**. Os nossos grupos são os seguintes: **Urubu Rei**, que é bem **new wave**; o **Fluxo**; o **Abelha Rainha**, formado por integrantes das bandas **Cheiro de Vida** e **Raiz de Pedra**; **Athaulpa** e os **Punks**; os **Replicantes**, que é talvez o mais **punk** de todos. Quem tiver a fim de conferir o som desses grupos deve se ligar na Ipanema FM ou então esperar o disco **Rock Garagem** que deve sair até o final do ano. Neste LP teremos uma visão global do rock produzido aqui em Porto Alegre.

Para encerrar, uma definição de **new wave** dada pelo Cunha Júnior, apresentador do programa **Pra Começo de Conversa** da TVE: "Mais uma cartada do capitalismo".



Revolução na MPB?

New wave ouriçado militariza a cabeça

No final dos anos 70, Walter Carlos Santos retornava dos Estados Unidos trazendo os instrumentos que faziam a cabeça da juventude de classe média nova-iorquina e europeia. As máquinas e as tintas que davam o corte e pintavam os cabelos nas cores mais chocantes finalmente chegavam a Porto Alegre, mas ainda teriam que esperar algum tempo nas prateleiras até serem usadas aqui. Enquanto em Nova Iorque e na Europa vivia-se o auge da febre **new wave**, dos cabelos bem recortados ou quase raspados, do multicor dos pés à cabeça, no Brasil eram poucos os que aderiam à nova onda chegada do norte.

Foi pensando em botar na roda esse novo visual, e já prevendo que logo, logo a coisa ia estourar aqui, que o Walter botou em cima sua experiência de quase quinze anos como cabeleireiro e criou, em 80, o **Scalp**, "o salão de beleza de vanguarda de Porto Alegre", segundo ele mesmo define.

Quatro anos depois, ou seja, 1984, é o ano em que o visual, o cabelo e as roupas **new wave** explodem na capital gaúcha. As máquinas e as tintas saem das prateleiras e o **Scalp** já não é o único salão que produz o novo visual.

São vários os tipos de cabe-

los: o **chanel**, que é o corte que reforça a geometria, com o cabelo liso e traços retos, fazendo cortes simétricos, quando os dois lados são iguais; e **assimétrico**, quando um lado é ostensivamente mais curto que o outro. O **ourico** é o corte mais usado hoje, e tenta dar uma idéia de cabeça alta, de levantar a pessoa: o cabelo é cortado bem curto, rente à cabeça, ficando ouriçado em cima, às vezes com topetes altíssimos e dando uma sensação de muito volume. As tintas vêm como reforço, podendo ser apenas um toque azul-pavão ou amarelo-canário, ou todo o cabelo pintado de laranja, por exemplo. O gel ajuda o cabelo a ficar em pé, além de dar uma aparência de sempre molhado.

Há outros jeitos, mas o que há de comum em todas essas variações é o visual sempre limpíssimo, asseado, **clean**, às vezes com um ar até meio militar.

No **Scalp**, os frequentadores são quase sempre jovens dos 16 aos 21-22 anos. Muitos trabalham, mas sem um emprego definido. Alguns são office-boys, outros são bancários ou balconistas. No entanto, muita grana tem que rolar para sustentar toda a produção, das roupas e utensílios ao cabelo. No **Scalp**, o corte pros guris está em doze mil e, pras gurias, dezesseis mil.

Apesar do alto custo a adesão é grande. Quase cinco mil pessoas lotaram o Circo Norte-americano no concurso **Miss Scalp**, promovido pelo salão. Para Walter, o **Miss Scalp** foi "um deboche bem produzido em cima do concurso de miss. Um concurso não de panteras, dentro de determinados padrões — tanto de quadril, tanto de busto. Qualquer um podia participar: homem, mulher, cachorro. O que importava era a produção, a criatividade em cima do visual". Foi o primeiro evento realizado dentro de um circo em Porto Alegre.

O **Scalp** produz também os cabelos das bandas musicais da cidade, fez o visual e efeitos especiais dos filmes "Verdes Anos" e "Me Beija", além de algumas peças teatrais.

Perguntado sobre até quando vai durar o **new wave**, Walter Carlos, que vem acompanhando a moda há anos, responde: "New wave is dead, desde que surgiu. Quando aqui ninguém se atrevia a usar, já estava dando pra ele". E anuncia: "Vem aí um romantismo um preto-e-branco, as cores pastéis, um sóbrio, uma coisa mais limpa ainda que o **new wave**. Um novo estilo caretíssimo e bem-comportado".



Scalp: arrepiando os cabelos da vanguarda

Se todos gostassem do amarelo...

"Ai, meu Deus do céu" / "...Exibem um elenco de valores agressivos..." / "...É uma estética pop..." / "...Nem prá agradecer as mulheres, né?..."

• "Esses jovens que se enclausuraram, se enquistaram, exibem um elenco de valores agressivos que só levam à contestação, deviam receber um trabalho de autoridades dos mais diversos universos, que os levassem a pelo menos admitir o que rejeitaram. O trabalho com horários, com metas, dentro de uma disciplina intelectual e sobretudo física, enfrentando o perigo para medir suas reais possibilidades, num chamado para viver a vida real, abandonando as caricaturas que teimam em existir no lugar das próprias fotografias."

(Pedro Américo Leal, psicólogo e Deputado Estadual do PDS).

• "Pessoalmente, gosto da estética New Wave porque retorna a cor e diz muito do meu tempo — dormi muito de prendedor no cabelo no começo dos anos sessenta, e também porque é uma coisa alegre e estimulante, boa para compensar os tempos tristes que vivemos. A cor New Wave é tropicalista, um processo ideológico que tenta, em cima de uma ideologia estrangeira, dizer que temos as nossas fronteiras. É uma estética pop, ingredientes consumíveis reunidos sem preocupação de cor."

(Paulo Porcela, artista plástico).

• "Eu falo até como pai — é uma exteriorização de um sentimento de opressão, um protesto através de cabelo e roupa disformes contra uma sociedade corrupta que nos torna apenas consumidores. Acho que é isso. Tem que ser isso. Tu não anda assim prá ficar bonito, né? Porque é feio, eu acho feio. Nem prá agradecer as mulheres, né?"

(Luiz Possébon, Deputado Estadual do PDS).

• "Eu acho que esse negócio de geração é como modelo de automóvel — sai um a cada ano, depois é es-



Possébon



Sérgio Zukov



Gerciliano Alves

quecido, o que parecia chocante é assimilado. Hoje já nem sei diferenciar um grupo de outros, são tantos que surgiram... Esses movimentos não tem nenhum sentido político. Talvez um que outro integrante desses movimentos queira dar um sentido político, mas a maioria é puro modismo."

(Sérgio Zukov Filho, Delegado da 11ª DP).

• "Isso aí nós do movimento não olhamos com simpatia. Procuramos cultivar aquelas coisas do passado — nem o presente, nem o futuro, mas o passado. Mas notamos que isso tem progredido mais entre a juventude que o tradicionalismo. E hoje o tradicionalismo procura atrair a juventude, e não rechaçá-la, mesmo fazendo concessões. Mas existem diferenças de comportamento."

A moral da juventude tradicionalista é superior. Dentro do movimento, vamos a um fandango onde existe um respeito a toda prova, completamente diferente desses punks e new waves. Pelo menos dentro do CTG."

(Gerciliano Alves de Oliveira, Vice-Presidente do Movimento Tradicionalista Gaúcho).

• "Ai, meu deus do céu. Não sei, não ligo prá isso, não tenho tempo, não saio daqui de dentro. Vão, vão, vão embora."

(Frei Carmelita da Igreja Santa Terezinha).

• "New Wave é um modismo muito importante para as boutiques e boates que faturam com ele. É um comportamento copiado de americanos e europeus, e que aqui só uma certa classe pode incorporar. Não existe New Wave pobre. As cores New Wave, que na Europa são uma compensação para a falta de luz e sol, aqui são uma jogada das fábricas de corantes. Não podemos ser ingênuos e pensar que o povo escolheu isso."

(Tatata Pimentel, responsável pelo Ateliê Livre da Prefeitura).



O que foi Slob

(Trechos do Livro de Zilá Zen-Tao Sartre)

(...) É preciso lembrar que, em 1995, o Brasil, como sempre, atravessava a maior crise da sua história. Multidões se espremiavam nos comícios para ver Ulisses Guimarães agitar a bengala à frente da faixa "A Nação Diz Não Ao Terceiro Mandato De Tancredo" e para pedir a cabeça do "Magro" (Delfim fizera no ano anterior o revolucionário regime do Dr. Slimsfast). O Nordeste ia bem, melhor do que quando habitado. No Sul, a parte acima d'água passava por uma grande movimentação cultural.

(...)

O grupo armado que saía para comprar pão na manhã paulistana se virou para olhar de novo aquelas figuras inéditas, com suas capas de plástico listadas e sardas postiças. Os Slobs limitaram-se a olhar os passantes de alto a baixo e dar sua característica risada odiosa. Foi o primeiro incidente de violência envolvendo o movimento (o iô-iô de chumbo já fazia parte da indumentária Slob). Não que a violência fosse coisa incomum

naquele tempo em que as suspeitas de canibalismo pairavam por toda a parte.

(...)

Mas o que se via era a chegada ao Brasil de um movimento surgido da revolta das classes inglesas destituídas de tudo (até do mínimo bom-gosto) contra um mundo que combinava automação, recessão e a destruição causada pelo míssil russo que atingira Londres (depois que Atila Hoover, sucessor do pacifista Reagan, levava o netinho para conhecer a sala de controle e arrasara Minsk). Um mundo que as excluía totalmente.

(...)

Resposta de Mary Moron, vocalista do The Yawn, à proposta que o representante de uma gravadora lhe fez depois de uma audição do grupo no motel abandonado em que viviam:

— Tanto faz, tanto fez, galinha pedrês.

Começava uma carreira brilhante. Logo "The Boring Things" era o videodisco mais vendido em todo o mundo. A instigante música Slob, misturando versões eletrônicas de velhas baladas de filmes da Metro com pitadas de dodecafonismo involuntário e ritmos orientais dividia a crítica, mas as letras corrosivas eram muito apreciadas.

(...)

O Slob Ativista encontrou seus adeptos ideais na periferia das grandes cidades brasileiras, entre os rejeitados pela marginalidade. Os Slobões, como se chamavam, freqüentavam comícios com seus esgares e gargalhadas sarcásticas, imitando os oradores, apanhando de esquerda e direita, reagindo com seus iô-iôs. Suas batalhas com a Segurança Mineira marcaram época.

(...)

Quando o guitarrista Sloppy Stevens, do Beauvoir Bubbles, jogou-se

no Tâmis com um rosário na mão, morriam com ele a parte intelectual do movimento e a moda das olheiras pintadas.

(...)

Garotos e garotas da alta classe média de Porto Alegre aderiram imediatamente ao High-Slob — versão sofisticada do Slob primitivo. À noite o Jerry L's (homenagem a Jerry Lewis, precursor da expressão corporal do grupo) se enchia de saudáveis jovens a rigor em seus macacões dourados, capas de seda, chapéus de veludo em forma de bilboquê, prontos para pagar três mil andrômedas (a moeda nacional da época, lembram?) pela entrada.

(...)

No final de 1996 o Slob estava morto. As lojas liquidavam seus estoques de chapéus bilboquê e iô-iôs revestidos de ouro. A sociedade de consumo vencera novamente. (...)

Deficientes mentais aprendem a trabalhar

(Lúcia Avila)

Investir na integração do excepcional, dando-lhe condições de ingressar no mercado de trabalho. Esse é o objetivo do Centro Ocupacional de Porto Alegre que funciona há nove anos na rua Santa Terezinha, bairro Santana. Filiado à Fundação de Assistência ao Excepcional do RS, o Centro atende atualmente a 144 alunos na faixa dos 13 anos e seis meses, até 24 anos.

Os alunos cumprem horários de meio turno ou integral. Segundo a diretoria do Centro, Arlete Geremia, alguns deles mantêm atividades de estudo em outras escolas, porque a COPA dá apenas a orientação profissional. Desde 4 de agosto de 1975, quando iniciou suas atividades, a entidade já empregou cerca de 80 alunos em trabalhos protegidos ou não. Além disso, mantém um núcleo industrial com doze aprendizes atuando junto a um instrutor, em uma empresa de bandejas.

O aprendizado funciona com oficinas onde os alunos aprendem trabalhos de marcenaria, lavanderia, costuras e outros. A escola procura desenvolver os hábitos básicos para o trabalho dentro de objetivos cognitivos, afetivos, emocionais e psicomotores. Também, hábitos como assinar o ponto na hora de entrada e saída, a limpar e organizar suas salas após o trabalho.

INGRESSO

Os alunos são egressos de escolas ou classes especiais, ou ainda, são trazidos pela própria família, sendo que alguns já sabem ler e escrever e estão aprendendo. Para ingressar eles precisam preencher pré-requisitos básicos, como residir na grande Porto Alegre, saber locomover-se independentemente, apresentar controle de esfínteres, ter hábitos básicos de higiene, ter noção de perigo. Atualmente, o centro faz uma pré-avaliação do candidato, entrando em contato com sua família.

Se ele for considerado apto, passará por um processo de seleção. Este processo conta com um assistente social, um neurologista, uma psicóloga e uma pedagoga. Os técnicos coletam os dados e reúnem-se em seminário. Somente após isto, indicará o aluno para o Centro ou outras instituições. "Esta fase é muito importante, porque muitas vezes acontece da família confundir dificuldades do aprendizado de seus filhos na escola, e nos procurar achando que o lugar de seu filho é aqui no centro", diz Maria Amélia Fonte Silva, psicóloga da entidade, explicando o porquê desta seleção e encaminhamento.

Na próxima fase, o aluno permanece por 30 dias em uma pré-oficina, em observação constante. É uma fase de testagem de aptidões. Após isso, acontece um novo seminário de matrícula. Nele se faz toda a avaliação novamente, acrescentando a da pré-oficina que tem a colaboração do instrutor.

OFICINAS

O ensino do COPA consta de oito oficinas, com quatro de treinamento e quatro de trabalho protegido. Todas elas possuem um instrutor com formação de técnicos mecânicos ou professores de pedagogia. O treinamento obedece a uma seqüência de níveis em conformidade com as exigências das atividades a serem desenvolvidas em cada setor.

A Oficina de Marcenaria divide-se em um e dois. Na primeira os trabalhos são mais simples, com máquinas pré-industriais, e vão até uma certa etapa. Já a segunda trabalha com máquinas industriais, com alunos do terceiro e quarto nível, atingindo mais etapas. As duas marcenarias propõem-se a atender a comunidade, com encomendas de acordo com o serviço que os alunos aprendem.

Outra oficina que faz parte do treinamento é a Lavanderia. Trabalhando com máquinas profissionais e domésticas, os alunos lavam e passam roupas que são fornecidas por batalhões da PM ou pela comunidade. Um serviço que alguns alunos já sabem coordenar perfeitamente sozinhos e que dá boas chances de emprego.

As outras oficinas são de trabalho protegido, como a de Montagem que faz trabalhos diversos com envelopes, blocos, cadernetas separando-os ou preparando-os para a de talonagem. Nesse oficina, os alunos mesmo colocam os

itens de trabalho que querem alcançar, como rapidez, limpeza, atenção itens criados por eles mesmos, e se esforçam para atender a tudo o que acham certo.

A Oficina de Talonagem trabalha com acabamento de artes gráficas. Com material fornecido por empresas gráficas, eles colam, picotam, dobram ou fazem o acabamento final de trabalhos. Para isso, utilizam algumas máquinas, como a de picotar ou fazem manualmente.

Já a oficina de Prendedores tem o material fornecido pela Marcenaria. Nela, os alunos aprendem a montagem de prendedores de roupa. É uma das primeiras oficinas, na qual os alunos que não têm condições são preparados para um trabalho protegido.

A outra Oficina é a de Trabalhos Manuais, onde os alunos, na maioria mulheres, fazem trabalhos artesanais como tapeçaria, crochê e costura. Dentro dela, a última etapa é a máquina de costura. Atualmente, apenas uma aluna está sendo preparada dentro desta fase, porque foi onde ela demonstrou mais interesse. Mas como ela é uma fase mais difícil, precisam ser trabalhados primeiramente a percepção tátil do aluno, a capacidade de seleção e saber cortar nivelando perfeitamente o tecido.

O material para todas essas oficinas é fornecido através de um acordo entre o COPA e empresas. Os subcontratos, como são denominados, são feitos através de um oferecimento da prestação de serviço. As empresas depois de analisar a qualidade e o preço do trabalho, fazem o contrato verbal e depois por escrito. Estes contratos também são importantes, porque sua renda é aproveitada para dar um salário aos aprendizes. Apesar de ser simbólico, o salário serve para reforçar os aspectos positivos dos alunos. Segundo Heloisa Cremer, fisioterapeuta da entidade, quanto maior é o trabalho, maior é o auxílio que recebem. Ela lembra também que a maioria dos alunos são carentes e as vezes precisam até de passagem de ônibus para chegar na escola.

Os conteúdos da aprendizagem são trabalhos em vários níveis. Primeiro, em hábitos de trabalho como assiduidade, pontualidade, uso de uniforme, zelo com materiais, segurança no trabalho, responsabilidade e cooperação, que todos devem atingir. Depois, as habilidades fundamentais, a base de todo o programa, atingindo a motricidade, esquema corporal, organização temporal e espacial, linguagem, tolerância a fadiga e conduta. E, por último, as habilidades específicas, desenvolvidos de acordo com o trabalho de cada oficina, como coordenação viso-motora, movimentos dissociados, acuidade visual e exigências intelectuais.

As tarefas em todas as oficinas são analisadas individualmente pelos instrutores. São feitos quadros que ficam expostos com cada passo da tarefa a cumprir, e o aluno consultando esses quadros, tem que preencher cada nível. "Nos excepcionais não se pode queimar etapas, porque ele não as supera sozinho", explica Heloisa Cremer. Cumprindo cada uma dessas etapas, o aluno verá a avaliação de seu trabalho em um outro quadro. Nele é colocada uma rodinha de uma cor a cada dia indicando como foi a atuação e o rendimento de cada aprendiz.

TRABALHOS DE APOIO

Além dos trabalhos em oficinas, os alunos do COPA ainda contam com os de apoio, que auxiliam e trabalham em cima das dificuldades dele. O primeiro é feito pelas psicólogas para aperfeiçoar alguma parte que o aluno esteja carente. Depois, há a terapia musical, em que todos aprendem canto e algum instrumento. Heloisa Cremer afirma que os aprendizes gostam muito deste trabalho, inclusive o COPA já tem um ex-aluno tocando em uma banda do Exército.

A Educação Física é outra terapia de apoio usada pelo Centro. Os alunos têm uma sala especial com materiais de musculação e jogos, onde desenvolvem esta parte. Além disso fazem jogos na rua para desenvolver o esporte.

Além de vender seus trabalhos pelos sub-contratos, os aprendizes do COPA também contam com um bazar. É uma sala onde ficam expostos seus aprendizados de todas as áreas. Nela, os visitantes e a comunidade podem adquirir artesanatos em crochê, marcenaria e outros artefatos.

APAMAC dá a assistência ao aprendiz

(Suzete Antunes)

A APAMAC — Associação de Pais, Aprendizes, Mestres e Amigos do Centro Ocupacional — existe desde a formação do COPA. Maildes Alves de Mello, fundador e presidente da APAMAC até março último, conta que a Associação ajudou muito na estruturação do Centro, auxiliando financeira e juridicamente; e divulgando o trabalho lá realizado junto à comunidade.

Atualmente, segundo Maildes de Mello, a APAMAC tem como função principal a arrecadação de fundos para alimentação, passagens escolares e roupas para os aprendizes. Além disto, formou um Clube de Mães, que se reúne semanalmente coordenadas por uma assistente social e psicóloga, para discutir seus problemas comuns, já que o ambiente familiar do deficiente é comprometido e necessita ser ajudado também.

A APAMAC é uma instituição particular, com autonomia administrativa e econômica frente à direção do COPA. Por isso lhe serve de porta-voz, dirigindo-se aos órgãos

públicos para reivindicar melhores condições de funcionamento do Centro. Como exemplo, Maildes cita que o COPA tem atualmente cerca de 150 aprendizes, a metade de sua capacidade. A idéia da APAMAC, é preencher a ociosidade de espaço, reivindicando para isto material humano e recursos financeiros dos órgãos competentes.

ARRECADAÇÃO DE FUNDOS

Como forma de auto manter-se, a APAMAC instituiu uma contribuição livre cobrada de seus associados. Esta pode ser apenas simbólica, de valor mais moral que financeiro, ou mais vultuosa, quando a família do deficiente tiver mais condições financeiras.

A APAMAC também promove chás beneficentes, jantares e festas juninas, e administra o bazar com artigos dos aprendizes. A renda é revertida na compra de material de trabalho e necessidades básicas dos alunos. Esta assistência se estende aos fa-

miliares, através de distribuição de roupas aos mais carentes.

De setenta a oitenta por cento dos aprendizes são enquadrados no critério de carência. Como não existe discriminação entre eles, a merenda é distribuída a todos por igual, apenas reforçando a daqueles de menor poder aquisitivo, "que muitas vezes vão à escola sem o café matinal", diz Maildes Mello.

O atual presidente da Associação de Pais do Centro Ocupacional é João Carlos Menezes. O advogado Maildes Mello, que tem um filho no COPA, agora é conselheiro da entidade. Ele destaca a importância do trabalho da APAMAC e do COPA, integrando o excepcional na sociedade e buscando maior receptividade da comunidade em torno do problema. Segundo Maildes, o COPA, dentro de suas limitações, é uma das melhores instituições do gênero no Brasil, buscando sempre aprimorar seus métodos mesmo com as dificuldades encontradas.

FAERS, uma Fundação para o excepcional

(Nelson Moreira)

Transmitir aos pais orientação no sentido de conduzir o excepcional para uma avaliação, um diagnóstico que possa determinar-lhe um atendimento adequado é um dos principais objetivos da Fundação Riograndense de Assistência ao Excepcional.

Afirmando que a FAER é o órgão responsável por tudo aquilo que trata do excepcional no Estado, fazendo a supervisão técnica, orientação às APAEs, etc, Solon Ribeiro, presidente da entidade, diz que apesar de todo o apoio recebido, ainda é impossível dar atendimento a todos os deficientes existentes no RS, pois existe uma falta de estrutura da própria sociedade e também do órgão.

Para Solon, a população poderia contribuir muito na prevenção ou até evitar o surgimento de doenças que possam causar a deficiência, pois já existem uma série de exames que podem detectar alguma disfunção em um dos cônjuges. Assim, pode haver a cura em tempo hábil e evitar a sua transmissão aos filhos. Para o caso das crianças existem também exames que propiciam a visualização do problema e o possível encaminhamento a ser dado.

Em termos de cuidados, Solon Ribeiro lembra que podem ser feitos exames pré-natais, evitar-se a auto medicação durante o período de gravidez, haver uma preparação para evitar problemas a hora do parto, e um acompanhamento efetivo da gestação. "Acho importante para o caso de nascer também que devemos nos preparar psicologicamente para o caso de nascer uma criança com deficiência, pois sempre é um choque para toda a família", finaliza o presidente da FAERS.

Já a supervisora de Educação Alva afirma que não existe uma orientação nas próprias Faculdades de Medicina para que os futuros médicos, no caso, os obstetras, os pediatras, atendem para a possibilidade dos bebês que estão sob seus cuidados serem deficientes ou apresentarem possibilidades de deficiência.

"Outra coisa muito curiosa, comenta, é que muitos pais não assumem a deficiência dos seus filhos, e os deixam sem o mínimo cuidado, ocasionando assim, um não tratamento, conseqüentemente, não possibilitam que este deficiente desenvolva seus potenciais, por mínimos que sejam. Pois veja-se que nós temos escolas especializadas, com equipes treinadas para atender ao deficiente. Alva explica que para o caso dele ser deficiente visual, pode ser encaminhado para o Centro Luis Braille. Existe ainda o COPA, que atende deficientes a partir dos 13 anos e que tem a finalidade de profissionalização, o CEDAL, que cuida dos deficientes auditivos e ainda as APAEs.

"Então, com toda esta estrutura, não haveria porque deixar de tratar do deficiente, mas é o que acontece. Só que felizmente existem pessoas, vizinhos, tios, padrinhos que, de uma forma ou de outra, acabam trazendo até nós, ou até o CADEP". Este, segundo Alva é um centro de Avaliação, Diagnóstico e Estimulação Precoce, onde se pode, através de uma série de exames, chegar a um resultado que levará ao encaminhamento da criança para o tratamento adequado.

O CADEP

"Excepcional é todo aquele que foge da faixa de normalidade para mais ou para menos previamente estabelecida por estudos especializados". Com estas palavras, a professora Elii Bagatini faz uma definição muito importante, porque sempre se relaciona a palavra excepcional com aquela criança que tem retardamento mental.

A professora Elii, diretora do CADEP, que fica na Rua Duque de Caxias, 418, explica o seu funcionamento. "O CADEP é um centro da FAERS que faz avaliação, diagnóstico

e possível tratamento das crianças que apresentem suspeitas de deficiências". Mas, como diz a professora, "deve ser observado e ressaltado que só serão atendidas as crianças que estiverem incluídas nos critérios de atendimento do CADEP".

Estes critérios são: crianças provenientes de casa, de escolas particulares com comprovação de bolsa, e de escolas da Prefeitura; em caso de não escolarização; candidatas a classes especiais que tenham sido avaliadas previamente pelo CAE; candidatas a Classe de Recursos da FAERS já indicando a escola, verificando se é classe de recursos; e o escolar que se enquadrará nos critérios até a 3ª série do 1º grau incompleto, o pré-escolar, dos quatro aos seis anos que não frequentam a escola.

A professora afirma ainda que existem dois setores. Um é o de Avaliação e Estimulação Precoce que atende crianças de zero a três anos e 11 meses, onde se realiza avaliação social, psicológica, neurológica e fisioterápica. Este atendimento é sempre feito com a participação da família, a fim de "educá-la" para um efetivo acompanhamento desta criança. Ou seja, "o que nós fazemos aqui, deve ser feito em casa também. Em tudo isto temos uma ressalva: não atendemos os casos vegetativos, uma vez que existem outros recursos na comunidade".

O segundo setor é o de Avaliação, Diagnóstico e Tratamento. A faixa de crianças atendidas é de quatro a 13 anos e seis meses. O CADEP conta ainda com as equipes externa e interna. A externa vai até as escolas para fazer avaliação de crianças com baixo rendimento escolar, emitindo posteriormente, um parecer, laudo e indicação terapêutica para as mesmas. A interna é a que atende no próprio CADEP.

Na opinião da psicóloga Nadir Helena de Souza, um grande número de casos para avaliação que chegam ao Centro, são de origem psico-social. "São crianças que apresentam algum problema familiar e/ou em seu desenvolvimento que acaba por se refletir no rendimento escolar".

Segundo Nadir Helena, a equipe do CADEP sentia necessidade já há algum tempo, de realizar tratamento a nível neurológico psicológico e social nesta clientela. Esta proposta, conta a psicóloga, veio também em conseqüência da escassez de recursos na comunidade, para atendimento desta clientela carente. Este tratamento teve início efetivo no ano passado, e contou com o apoio da FAERS. E são somente realizados com a clientela avaliada pelo CADEP.

Já na opinião do chefe do Serviço de Saúde Mental da Secretaria da Saúde e do Meio Ambiente, José Bertolote, "excepcional é uma expressão inventada para amenizar o fato de ter filhos deficientes". E afirma ainda que as deficiências podem acontecer por meios genéticos, por doenças sofridas pelas mães durante a gravidez, ou por desnutrição.

"A desnutrição materna causa desnutrição no filho e má formação física. Causa também problemas neurológicos, pois pode afetar a formação dos neurônios e, conseqüentemente, ocasionar lesões irreparáveis".

Bertolote afirma que também é possível fazer tratamentos nos postos de saúde e finaliza dizendo: "Mesmo com todo o aparato que temos, é necessário que pais, irmãos, tios, anfitriões, a família em geral, não trate o deficiente ou o excepcional como uma pessoa totalmente incapaz, um bibelô, que não pode ser tocada, ou mesmo, que nada pode fazer. Porque, muitas vezes, o rendimento geral de um deficiente pode evoluir, a medida em que ele é tratado como uma pessoa comum, e que é valorizada como tal. E o mais importante, que ele saiba que é amado".

Vileiros protegem comércio

(Rubens Lunge)

Nas ruas Freitas de Castro e Valter Spalding o comércio é intenso. Fruteiras, oficinas de automóveis e revendedoras de peças para carros, e até um motel, margeiam as ruas. Com a Vila Ipiranga localizada perto desse comércio, seria de se supor que os comerciantes estivessem temerosos quanto à sua segurança e a de suas lojas, mas isso não acontece.

Cláudio Luzzi, proprietário do Motel Azenha, não tem do que se queixar. Os moradores da Vila Ipiranga o auxiliam, de vez em quando, em pequenos trabalhos, na área do motel. Cláudio se sente até um pouco protegido, pela Vila que, segundo ele, faz com que marginais estranhos se afastem. "Você já viu marginal atacar vila? Não, não é? E muito menos marginal estranho se aproximar de vila que não conhece", explicou Cláudio.

O proprietário da JS Comercial de Peças e Acessórios Ltda., João da Silva, estabelecido há cinco meses na Freitas de Castro, estava temeroso em falar sobre os moradores da vila, "afinal, eu não conheço essa gente que mora aí, por isso não tenho nada contra ou a favor, e eles não incomodam em nada".

O Armazém Gaúcho, de propriedade de Cláudio Luiz Germiniani, já foi assaltado. Foram cinco os ladrões. Levaram cigarros e produtos alimentícios.

Os ladrões do armazém se esconderam na Vila Ipiranga, onde foram presos, autuados e libertados. Só um deles morava na vila. Morava. Porque ele morreu queimado no incêndio de dezembro, que destruiu dez casas. Segundo alguns, ele estava bêbado e botou fogo na sua casa e o fogo se espalhou.

O proprietário do Armazém Gaúcho, que fica na rua Valter Spalding, 120, disse que por ele a vila fica onde está. Explicou: "Quem compra aqui são os moradores da vila".

Migração provoca malocas

(Ernani A. Costa)

Aproximadamente 100 vilas existentes em Porto Alegre são clandestinas e irregulares. Segundo o Dr. José Luis Rocha Paiva, superintendente da Fundação Metropolitana de Planejamento Urbano, "isto representa, aproximadamente, 30% de subhabitações na região metropolitana". Para ele, este dado é reflexo do êxodo rural acentuado nos últimos anos devido à procura de empregos na Capital pelo pessoal do interior.

Dados fornecidos pelo Departamento Municipal da Habitação indicam que a maior parte destas vilas são loteamentos clandestinos por invasão. A Vila Ipiranga, localizada à rua Dr. João Becker e Freitas de Castro (ex-Cabo Rocha), atrás da Zero Hora, é um destes casos.

Há 10 anos, quando houve a desapropriação da área do riacho, sobram algumas pontas de terreno nas quais os primeiros barracos começaram a aparecer.

Atualmente, a vila possui 71 barracos onde moram 320 pessoas. A área, cujo domínio é metade da Prefeitura, metade particular, nunca foi reivindicada por quem quer que fosse.

Apesar do crescente aumento do número de barracos e de vilas na periferia de Porto Alegre, na Av. Ipiranga há um decréscimo da população favelada. Os núcleos assentados ao longo desta vila foram totalmente removidos, por razões de ordem urbanística e também devido à política de remoção dos órgãos municipais e à pressão do mercado imobiliário face ao alto valor da terra.



Vila ZH é formada por casas sem as mínimas condições de higiene e construídas pelos próprios moradores

Vila tem 80 famílias sem água e sem esgoto

(Rubens Lunge)

Em 1970 o terreno era coberto por água, mas mesmo assim existiam algumas casas alugadas às prostitutas que trabalhavam na Cabo Rocha. Hoje a rua tem outro nome: Freitas de Castro, e a população já não é a mesma. Desempregados e subempregados dividem o terreno com o Motel da Azenha e o estacionamento da Zero Hora.

As casas dos moradores da Vila Ipiranga, nome desconhecido para a maioria dos que moram ali, são todas pequenas, não importando o número de pessoas que morem nelas. Na maioria das vezes, um quarto, uma sala e uma cozinha.

Cerca de 80 famílias que moram na vila não têm água em suas casas e o único modo de consegui-la é ir com potes e baldes até uma torneira, que a Prefeitura instalou, num posto de distribuição de água para o Bairro da Azenha, na esquina com a Avenida Ipiranga.

Não há sistema de esgoto e, por isto, toda a água usada para os mais diversos fins se perde pelos corredores estreitos que cortam a vila. Há o mau cheiro de lixo acumulado, também, apesar de o DMLU manter recolhimento regular nas ruas Freitas de Castro e Zero Hora.

Iluminação pelos corredores da vila não existe e, em algumas casas, ela está instalada irregularmente.

"Nós não sabemos com quem tratar a respeito do terreno porque não sabemos quem é o dono. Uns dizem que ele pertence à Prefeitura, outros dizem que é de uma instituição religiosa, e outros ainda dizem que ele pertence à Zero Hora. Mas mesmo que soubéssemos quem é o dono, apenas poderíamos negociar com ele a nossa permanência aqui ou não, porque não temos como pagar pelo terreno".

Quem diz isso é Maria Doli da Silva, de 62 anos e moradora da vila há 15 anos.

NÃO HÁ PERIGO

Os moradores garantem que não há marginais morando ali. "E se chega algum tipo mal-encarado nós o botamos pra fora", diz Ênio Santana, 51 anos e aposentado pelo DMLU. Ênio mora há 15 anos na Vila Ipiranga e não se espanta quando fala do pouco caso que a Prefeitura tem dado ao lugar: "Nunca veio um fiscal ou qualquer outra pessoa autorizada falar com a gente, saber de nossos problemas e até mesmo tentar encontrar uma solução com a comunidade. Agora corre aí um boato. Dizem que a vila vai ser mudada. Mas para onde? Aqui, pelo menos, não precisamos pagar ônibus para ir até o centro, vamos a pé mesmo", conclui Ênio.

Para Rubens Marinho, o principal problema da vila é a fome e o desempre-

go. Rubens era pintor até que perdeu o emprego, e agora nem bico está aparecendo mais. Mas, para ele, se a Prefeitura decidiu evacuar a vila, não há problema: "Eu, minha mulher e minha filha vamos morar na lomba do cemitério. É, é isso mesmo. Levantamos um barraco contra um muro e ficamos ali mesmo. Até quando? Até quando tirarem a gente de lá", explicou ele.

INCÊNDIOS

Na Vila Ipiranga já ocorreram dois incêndios de grandes proporções, mas os moradores não se lembram de quando foi o primeiro, e se houve vítimas ou não. O segundo incêndio ocorreu em dezembro de 1983, quando dez casas queimaram e onde morreu um homem conhecido apenas como Paulo. Para alguns moradores o incêndio foi criminoso. O motivo, ninguém sabe.



Posseiros não tem água nem esgoto encanado

UFRGS tem creche padrão

(Clarissa Veiga)

A Creche Francesca Zacaro Faraco, vinculada à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, foi fundada em julho de 1971 e tem este nome em homenagem à mãe do ex-reitor, professor Eduardo Faraco, em cuja gestão se deu a construção. O projeto, aliás, é bastante antigo, já existindo cerca de vinte anos antes da data de sua inauguração e só não foi concretizado em função das sérias dificuldades financeiras enfrentadas pela universidade.

Situada entre as ruas São Manoel e Ramiro Barcellos, a creche da Universidade possui uma grande área construída e amplo espaço de lazer. Fazendo parte do programa de assistência à comunidade universitária, ela é administrada diretamente pela Reitoria.

Para o planejamento de trabalho e coordenação de pessoal, ela conta com uma coordenadora, indicada pela própria Reitoria, que é a pedagoga Zilá de Azevedo. Além dela, existe uma equipe de quatro profissionais com formação superior, entre nutricionista, psicóloga, enfermeira e pediatra. Os outros funcionários estão divididos em equipes e têm, na sua maioria, curso ginásial completo, somando um total de 31 funcionários. Em cada equipe há um técnico de grau médio, como auxiliar de Orientação de Creche, por exemplo.

A creche conta atualmente com 80 vagas que são distribuídas entre filhos de professores, alunas e funcionárias, na faixa etária de zero a dois anos. Como os pedidos encaminhados a cada semestre são maiores que as vagas disponíveis, é feita uma triagem pelo Departamento de Assistência Social da UFRGS. O principal critério utilizado é a baixa renda familiar, em torno da qual é estabelecida a taxa mensal a ser paga. O valor máximo desta taxa atualmente está em torno de 31 mil cruzeiros, por turno inteiro.

Dentro da creche, as crianças são divididas por idade, "de maneira não rígida e de acordo com o desenvolvimento de cada um", conta a coordenadora Zilá. No berçário, estão os lactentes de até sete meses, atendidos por uma equipe de cinco funcionárias. Entre os sete meses e um ano são transferidas para uma sala de recreação maior. A última equipe é formada pelas crianças de um a dois anos, que são divididas em pequenos grupos. Segundo a coordenadora, quanto menor é o grupo, melhor é o entrosamento e maior a atenção que recebem.

Para a professora Zilá, trabalhar com crianças é uma terapia. "As crianças não dão trabalho nenhum. São todas muito saudáveis. Os pais são bem orientados e as crianças têm toda a assistência médica. A maioria pertence a famílias de bom padrão".

A creche procura dar toda a orientação e assistência aos pais, colocando os profissionais à sua disposição em turno integral. A creche funciona das 7h30min. às 18h30min. E neste período qualquer um dos pais pode solicitar entrevista.

Segundo a opinião de Zilá de Azevedo, o maior processo de adaptação é vivenciado pelos pais, principalmente pela mãe. "Nossa função é ajudar a mãe a vencer a sua angústia, sabendo que seu bebê está bem cuidado. A mãe sofre com a separação, porque acha que poderia estar em casa com seu filho. Poderia não, deveria".

O primeiro mês que a criança passa na creche é chamado de fase de adaptação e, neste período, a mãe pode acompanhar diariamente o seu filho. Na fase posterior, as idas e vindas passam a ser controladas pelas normas da creche.

O Juizado de Menores e a Secretaria de Saúde do Estado consideram a creche da UFRGS como padrão. "Na realidade, ela tem tudo para funcionar exemplarmente. Conta com um ótimo prédio e um número bastante grande de funcionários qualificados", assegura Zilá de Azevedo.

Enfermagem até hoje sem prédio

(Vera Santos)

Por volta de 1950, quando a Universidade Federal do Rio Grande do Sul iniciou as obras do Campus Médico, estava previsto a construção de um prédio de cinco a seis andares destinado à Escola de Enfermagem. Por falta de verbas na época, nunca chegou a ser edificado. De lá para cá, os alunos vem utilizando um prédio de três andares, ao lado do Hospital de Clínicas onde estão a biblioteca, uma meia dúzia de salas de aula e a administração.

O Diretório Acadêmico da Escola de Enfermagem, ciente da necessidade de melhores instalações de ensino para os alunos do curso, foi e solicitou ao Reitor que sejam tomadas providências para que a Enfermagem tenha um novo prédio, já que o atual não tem mais capacidade e nem estrutura para suportar o número cada vez maior de estudantes que a cada ano ingressam naquela faculdade.

Segundo Sandra Perez, presidente do DAEE, a Reitoria, em resposta às reivindicações dos alunos alegou, mais uma vez, que o problema da não construção de um novo prédio é, pura e simplesmente, em razão da falta de recursos financeiros no momento. Para Sandra, o problema é mais de política interna do que de falta de verbas, como afirma o Reitor. "Na época em que estava sendo feito o Hospital de Clínicas, diz Sandra, nós possuíamos verbas especialmente destinadas para a construção do nosso prédio. Mas por um acordo feito entre a Diretoria da Faculdade e o Reitor, essa verba acabou sendo emprestada para a conclusão das obras do hospital. Hoje, o que está acontecendo é que estamos sendo enroladas". Segundo Sandra Perez, o acordo feito na ocasião, previa que em troca, os alunos de Enfermagem passariam a ocupar o prédio do 1º Ciclo Básico, para onde recentemente foram transferidos os estudantes de Medicina.

PRÉDIO PODE CAIR

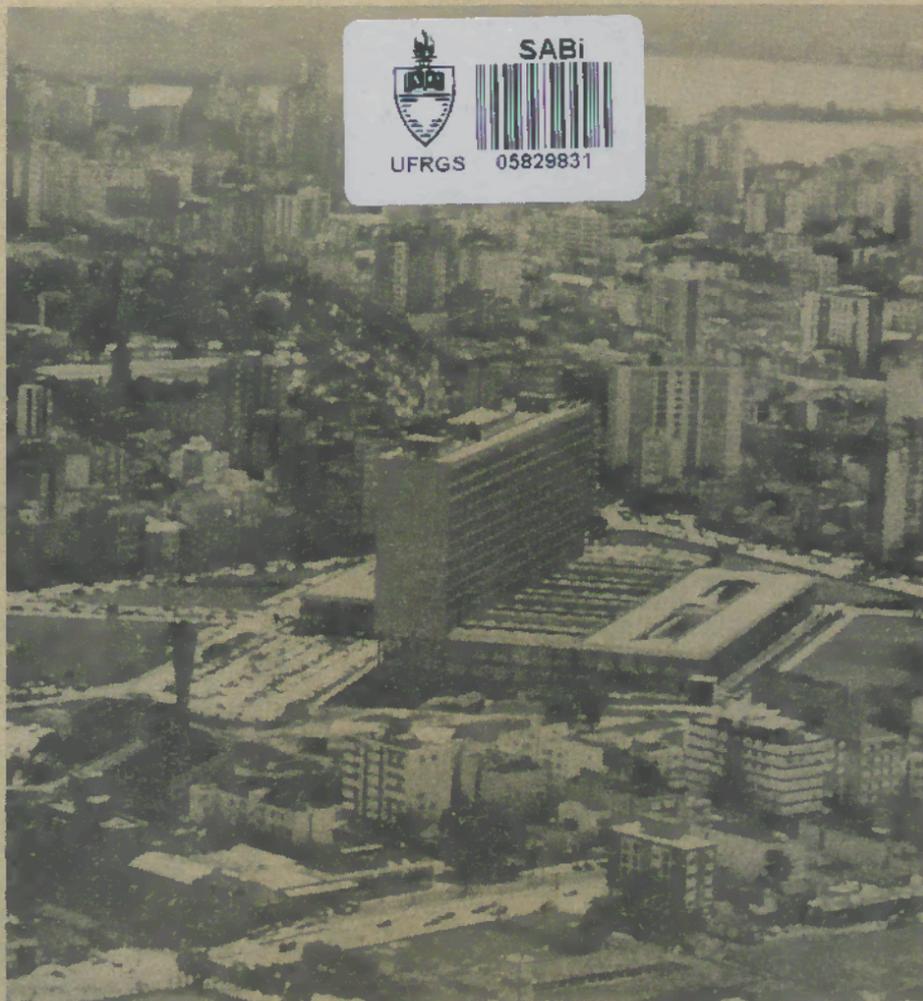
Conforme Carla Korman, estudante do 6º semestre do curso de Enfermagem, o prédio de três andares da avenida Protásio Alves, nº 297, está com sérios problemas de rachaduras na parte externa e pode vir a cair. Segundo ela, em 1978, foi feita uma vistoria, por um arquiteto da UFRGS, e ele constatou que se fossem colocados mais uns livros na biblioteca, que fica no 1º andar, o prédio iria desmoronar. "Por isso, diz Carla, há vários anos que não há renovação de livros na nossa biblioteca. E outra coisa, não podem entrar muitos alunos de uma só vez, devido ao excesso de peso".

Para Enio José Verçosa, chefe da Seção de Projetos da Divisão de Obras da UFRGS, o problema do prédio da Enfermagem não é tão sério assim. "É claro, diz Enio, que o prédio daqui a alguns anos vai precisar de umas "reformas", mas isto é uma coisa de rotina, uma vez que a maioria dos prédios da Universidade já são bastante antigos. Mas isto de dizer que o prédio vai cair é puro boato", afirma Verçosa.

POR ENQUANTO SÓ BOATOS

Segundo Sandra Perez, estão comentando, extra oficialmente, que a Reitoria pretende tirar o Restaurante Universitário do 1º Ciclo Básico e no lugar será instalada uma ampla biblioteca que irá atender aos cursos de Medicina e Enfermagem. E por fim, na área localizada atrás da Faculdade de Odontologia, que atualmente serve de depósito, seriam feitas algumas salas de aula. "Quer dizer, vai continuar tudo na mesma", desabafa Sandra.

Mas enquanto os boatos não se concretizam, os alunos do curso de Enfermagem da UFRGS terão que se conformar com o fato de terem que assistir suas aulas nos prédios das outras faculdades, correndo, com isso, o risco de serem expulsos a qualquer momento.



Arquivo 3 x 4

Hospital de Clínicas faz parte do Campus Médico da UFRGS

Hospital de Clínicas leva treze anos para ocupar Campus Médico

(Marga Virginia Torrez)

No bairro do Bom Fim, na Avenida Ramiro Barcellos, situa-se o conjunto médico mais importante da cidade: O Campus Médico, integrado pelo Hospital de Clínicas, as Faculdades de Medicina, de Farmácia, de Odontologia, de Enfermagem e, ainda a creche da universidade. Este conjunto, tão importante para o ensino e para a comunidade, enfrentou uma série de dificuldades para sua concretização. Só o Hospital de Clínicas levou 13 anos para ser construído. O processo foi lento e difícil.

Inicialmente, houve uma troca de áreas entre a Prefeitura e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pois a faixa de terra que hoje é a Ramiro Barcellos pertencera à UFRGS; e a área que hoje ocupa o Campus Médico era da Prefeitura. Área, por sinal, de difícil aproveitamento. Necessitava ser adaptada ao objetivo.

No convênio assinado com a Prefeitura, estabelecia-se como obrigação do Município proceder ao serviço de terraplenagem e urbanização. Mas, a Prefeitura não cumpriu com o acordo e a Universidade teve que apelar, em primeira instância, ao governador e finalmente ao diretor do DNER (Departamento Nacional de Estradas e Rodagem), para a concretização do trabalho.

Outro problema enfrentado na época foi o da desapropriação dos prédios da rua São Manoel (residências, oficinas e casas comerciais). Os proprietários reagiram contra a desapropriação, mesmo cientes da existência de um decreto presidencial que autorizava o ato.

Solucionado o impasse, discutiu-se durante muito tempo a localização da Cidade Universitária. Pensou-se inicialmente no Parque Farroupilha, depois no local onde se encontra atualmente o estádio do Grêmio e, finalmente, decidiu-se pelo antigo Campo do Polo. Assim, em 1950 foram contratados os serviços da Companhia Construtora Nacional S.A. para construir a estrutura de cimento do Hospital de Clínicas. Só que um ano depois os trabalhos fo-

ram interrompidos devido a modificações no projeto.

ESTRUTURA DEMOLIDA

Em 1953, por iniciativa do Ministério e por indicação do projetista começou a demolição daquilo que demorou em ser construído: as fundações em ambas as alas do bloco N° 1 do Hospital de Clínicas, que decorridos alguns anos não passava de um decreto e de notícia vã. A demolição além de tempo perdido custou alguns milhões de cruzeiros.

Concluída essa tarefa, a Universidade contratou os serviços da firma Estacas Franki para recomençar a construção da obra. Porém, surgiu outro problema. A companhia Construtora Nacional e a Franki não chegavam a um acordo sobre se continuar a estrutura ou não, duvidando da solidez das fundações. Após a solução do desacordo, a obra do HP começou a passo lento em 1954, adquirindo só em 59 um ritmo acelerado.

O ano de 1963 foi difícil. A verba, conseguida no Congresso, de 600 milhões de cruzeiros, foi totalmente eliminada; a complementação que deveria ser feita com a verba global de obras não foi atendida. Assim, cerca de 800 milhões de cruzeiros faltaram na fase de conclusão. Para evitar a paralisação completa do trabalho a Reitoria abriu mão das verbas destinadas a outras obras. Foi reunindo um total de 300 milhões para o pagamento de contas, sacrificando as construções da Faculdade de Odontologia e do Centro Agrônomo.

Na ocasião, foi feito um apelo ao presidente da República, que ofereceu 600 milhões de verbas para o Hospital de Clínicas. Mas, o processo de liberação foi lento e só nos últimos dias de 1963 o pagamento foi autorizado pelo Banco do Brasil. Assim, em 1964, ano da conclusão da obra, somaram-se aos recursos correspondentes do ano de um bilhão de cruzeiros, os 600 milhões recebidos no final de 1963.